



pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

Dia da Fraternidade 2013

O Ney Ye

Alcançar o essencial

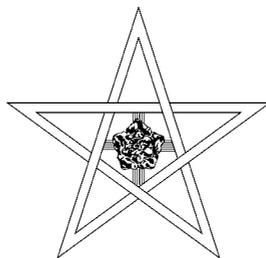
O fogo de Ba'al Shem Tov

Construir e demolir

O pensador não conformista

Um jardim de luz

2014 | NÚMERO 2



Edição

Rozekruis Pers

Redação Final

Peter Huijs

Redação

Kees Bode, Wendelijn van den Brul, Arwen Gerrits, Hugo van Hooreweeghe, Peter Huijs, Hans Peter Knevel, Frans Spakman, Anneke Stokman-Griever, Gerreke Uljée, Lex van den Brul

Diagramação

Studio Ivar Hamelink

Secretaria

Kees Bode, Gerreke Uljée

Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos
e-mail: info@rozekruispers.com

Edição brasileira

Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Administração, assinaturas e vendas

Pentagrama Publicações
C.Postal 39 13.240-000 Jarinu, SP
livros@pentagrama.org.br
assinaturas@pentagrama.org.br
Assinatura anual: R\$ 80,00
Número avulso: R\$ 16,00
Números de anos anteriores R\$ 8,00

Responsável pela Edição Brasileira

Adriana Ponte

Coordenação, tradução e revisão

Adriana Ponte, Emanuel Saraiva, Leonel Oliveira, Rossana Cilento, Denison de Sá, José de Jesus, Marcia Moraes, Mercês Rocha, Nazaré Pedroza, Saskya Cachemaille, Sérgio Oliveira, Simone Oliveira, Fernando Leite, Francisca Luz, João Batista Ponte, Josefina de Lima, Lino Meyer, Luis Alfredo Pinheiro, Maria Dulce de Oliveira, Márcilio Mendonça, Marcus Mesquita, Roquefêlix Luz

Diagramação, capa e interior

Dimitri Santos

Lectorium Rosicrucianum

Sede no Brasil

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & FAX: (11) 3208-8682
www.rosacruzarea.org.br
info@rosacruzarea.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzarea.org

© Stichting Rozekruis Pers

Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração. A revista **pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 36 2014 número 2

“Transformem-se em passageiros!”. Este é o conselho dado por um dos aforismas do Evangelho de Tomé. A alternância colorida das coisas exteriores se manifesta como nas gotículas de água que deslizam sobre o vidro: todas as cores se confundem e assim dissolvem, nesse triste escoamento, o encanto e a atração iniciais. No plano das coisas interiores, precisamos de homens atentos ao que se passa e que saibam como abrir quando alguém bate à porta da consciência do coração. Mas, muitas vezes, o “passageiro” não ouve e se afasta dos que lhe solicitam um pouco de força de alma, um pouco de coragem. Ele prefere entregar-se à diversão multicolorida a realizar a tarefa, a oferecer uma palavra de apoio ou uma ação que poderia ajudar o próximo. As batidas não são aquelas, sublimes, de um poder divino desconhecido pelo ser humano: é apenas o pedido de um vizinho, ou de um amigo a quem não conseguimos oferecer a ajuda adequada. É a tristeza de nosso próximo, para quem olhamos, sem sermos capazes de suavizar seu sofrimento, mesmo quando compartilhamos a dor que o oprime. Como é verdadeira a questão de Dag Hammarskjöld, o famoso Secretário-Geral das Nações Unidas: “Já lhe aconteceu ter compaixão por algo ou por um ser diferente de si mesmo?” Este número da revista **pentagrama** traz inúmeras sugestões para abrir nosso interior e reencontrar o outro – raciocinando com Kierkegaard, inspirando-nos com Hammarskjöld, ou nos surpreendendo com a maravilhosa imagem de milhões de lâmpadas LED, que são a versão japonesa hipermoderna da secular sabedoria chinesa.



Parem de lamentações e utilizem o poder de sua imaginação © J.B. Wood, Cidade de Nova Iorque

dia da fraternidade 2013 2

光のトンネル – túneis de luz

10,19, 30, 49

**o tao como fonte do trabalho interior
o nei ye**

dianne sommers 11

**um espelho dos príncipes para os dias
de hoje**

alcançar o essencial 20

um jardim de luz 24

o fogo de ba'al shem tov 26

o pensador não conformista

søren kierkegaard 35

construir e demolir 42

iluminação, fonte de engajamento

a noite escura de um diplomata

jeroen van der zeeuw 45

dia da fraternidade 2013

Nossa reflexão, por ocasião de um Dia da Fraternidade, não nos leva a evocar os tempos passados, mas, na verdade, nos coloca diante de nossa missão na época em que estamos vivendo atualmente. Nossos grão-mestres não somente nos deixaram uma herança na qual nos baseamos, mas também um testamento que nos posiciona continuamente diante de uma exigência concreta.

Somente podemos honrar esse testamento quando reconhecemos, hoje, a missão que ele encerra e se a aceitamos de coração, a compreendemos e, em seguida, a cumprimos em nossa vida. Sob a influência da Era de Aquário, e, principalmente, desde o início do novo milênio, as condições de vida mudaram consideravelmente.

O indivíduo egocêntrico, “duro como pedra”, sempre é atacado mais intensamente. Ele perde sua integridade e sua identidade. Aos poucos, vê seu destino ser determinado pelas transformações rápidas das “estruturas” globais e de suas dinâmicas próprias (por exemplo, os sistemas financeiros ou a mídia, os sistemas de valores e as estruturas de poder), nas quais o indivíduo se sente como uma minúscula roda dentada no interior de uma máquina que ele não pode controlar. Chamamos essas estruturas de “éons”, e sabemos que elas definem uma forma sutil de subjugação.

Além disso, a flexibilidade é uma das exigências que se ressaltam em nossa época: somente uma minoria de jovens sabe onde estarão vivendo daqui a cinco anos! Ao mesmo tempo, o desejo e a busca daquilo que tem sentido para eles, de uma nova identidade através de uma “religião íntima e particular”, individual, vão se afirmando





Em muitas pessoas, os arquétipos que vão despertando fazem surgir uma aspiração à realização. Mas essas pessoas, que foram tão profundamente tocadas, precisam de um clima favorável a fim de poderem descobrir seu verdadeiro Ser

cada vez mais. Essa crescente aspiração da alma, que pode ser percebida objetivamente, articula-se, nos dias de hoje, à volta de objetivos éticos e de organizações que não são exclusivamente voltadas para o lucro. Cada vez mais as pessoas estão buscando um “lar” espiritual, um sentido e um florescimento espiritual.

COMO A ESCOLA ESPIRITUAL REAGE A ESSE NOVO PERÍODO?

A missão de uma Escola Espiritual é trabalhar no tempo. É por isso que ela segue a humanidade no curso do tempo e através das diversas transformações, sempre consolidando a ligação com o Espírito. Ela tenta fazer eclodir o núcleo espiritual no interior dos seres humanos e, com essa finalidade, ela vai se adaptando às mudanças, utilizando-se de novos dados. Ela se dirige aos homens com os meios que estão acessíveis atualmente, que são diferentes dos meios de antigamente.

O impulso dado por nossos grão-mestres, J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri trouxe um rico desenvolvimento que temos de aprofundar e difundir nos dias de hoje, depois de 80 anos.

Nos últimos tempos, tivemos a oportunidade de expressar essas mudanças, por diversas ocasiões, em conferências e serviços templários. Em 2014, a Fama Fraternitatis, testamento da fraternidade dos rosa-cruzes clássicos, completa 400 anos. Para a Escola Espiritual,

será a oportunidade de fazer a ponte entre o impulso de 400 anos atrás e nossa missão atual, por meio de diversas manifestações. Desde a virada do milênio, e principalmente a partir de 2012, o desenvolvimento da Escola Espiritual foi se ampliando em duas direções. Primeiro, trata-se do aprofundamento interior de nosso trabalho espiritual, que sempre nos abre às radiações diretas do Espírito, e que pode irradiar-se no mundo, sobre nossa comunidade e sobre cada um de seus participantes. Um grupo crescente de alunos pertencentes à Escola Interna e aos graus interiores assegura, com grande responsabilidade, sua tarefa: preservar a pureza do campo de força e sustentar a intensa atividade gerada pelas forças do campo fraterno, no corpo vivo da Escola e no mundo. Esse trabalho vai prosseguir e intensificar-se com todos os meios de que dispomos. Em segundo lugar, trata-se de abrir poderosamente a Escola em direção ao exterior, a fim de ligar o corpo vivo aos inúmeros seres que se mostram receptivos e podem ser tocados, cada um a seu modo. Hoje, eles estão buscando de uma maneira diferente daquela que esperávamos: talvez não tenham a mesma perseverança de seus predecessores. Mas estão buscando com inquietude e ardor o sentido de suas vidas em um mundo no qual a base dos valores tradicionais escapou debaixo de seus pés.

Hoje, precisamos abrir as portas para eles e recebê-los com alegria!

Mas também nos abriremos a outros grupos que reconhecemos ter uma missão específica e espiritual neste mundo.

Com certeza, esses movimentos falam outra linguagem e se utilizam de outros métodos, mas isso não excluiu o reconhecimento recíproco.

E, com relação a esse assunto, a era do encontro começou, sem que cada um dos movimentos precise renunciar à sua própria identidade: muito ao contrário!

Nesse meio tempo, em vários países, inúmeras manifestações foram organizadas pelas fundações rosa-cruzes já criadas, revelando essa tendência e permitindo esses encontros. Mesmo que essas manifestações ainda sejam eventuais, já estão plantando uma semente de compreensão mútua que, em seu justo tempo, haverá de germinar. Elas estão alimentando um campo de encontro e de compartilhamento para o futuro da humanidade. Além disso, há a internacionalização do trabalho, por meio do IDG – sigla em inglês para o Grupo de Desenvolvimento Internacional – e a abertura de nossas conferências de renovação e de todas as atividades dos centros e núcleos para os membros.

Inúmeras atividades estão sendo igualmente propostas às pessoas interessadas.

Podemos dizer que as fronteiras da Escola Espiritual tornaram-se permeáveis e é mais fácil encontrá-la. Estamos nos tornando cada vez mais conscientes, pelo fato de que, agora, precisamos agir no interior deste mundo.

E isso, de acordo com a sentença: “Estar no mundo, sem ser do mundo”.

Nossos grão-mestres predisseram esse desenvolvimento e nos impulsionaram a oferecer nossos tesouros ao mundo, quando o momento chegasse. Estamos seguindo essa profecia porque ela é um testamento, uma missão para nós. Seguimos essa missão sem apagar as diferenças, nem abandonar nossa própria identidade.

Depois de 80 anos de preparação e de desenvolvimento, o tempo da realização chegou! Podemos expressar essa verdade por meio destas palavras dos sufis: “Certamente devemos proteger uma árvore jovem com uma cerca, a fim de que ela não seja devorada pelas cabras. Mas, quando ela crescer, será preciso retirar a cerca, a fim de que todos possam vir repousar e trabalhar debaixo de sua sombra”.

Gostaríamos de ressaltar que os dois rumos de desenvolvimento – o que se volta para o interior e o que se volta para o exterior – estão condicionados um ao outro.

Se não formos ativos no mundo e para o mundo, vivemos em uma projeção devota de tudo o que aprendemos. E assim construímos uma prisão a partir de nossas próprias projeções. Por outro lado, se não desenvolvermos o aprofundamento interior, nosso trabalho permanecerá superficial e não conseguirá atingir nem sequer uma centelha do Espírito. Portanto, esses dois aspectos caminham lado a lado.

O QUE ACONTECERÁ COM A ESTRUTURA DA ESCOLA ESPIRITUAL?

A estrutura sétupla da Escola Espiritual não muda em absolutamente nada. Consideramos essa estrutura como a manifestação dos sete raios universais que, em sua forma, sempre se adapta às exigências e às circunstâncias do mundo atual.

As atividades dos sete raios são divididas em três partes ou setores, seguindo o modelo estrutural próprio a todas as escolas espirituais. Essa tri-idade é o fundamento e a radiação específica da organização da Escola Espiritual em todos os planos de sua hierarquia sétupla.

Primeiro, há a Escola Externa, que representa a porta aberta para o mundo e a humanidade. Ela precisa estar visível, acessível e inteligível para os inúmeros buscadores no interior dos quais vive e vibra uma centelha do Espírito.

Precisamos ir ao encontro deles! A Escola Externa e os órgãos com os quais trabalhamos no mundo são os locais de reunião com os buscadores e também com outros grupos. Esse encontro acontece sem qualquer julgamento, sem avaliação de qualquer das partes e sem nenhuma reserva.

Em segundo lugar, há a Escola Espiritual propriamente dita: a Escola de Mistérios. Ela é um verdadeiro laboratório alquímico no qual se estabelece a ligação com o Espírito e a transfiguração pode ser iniciada em todos



os que já avançaram nesse trabalho preparatório e purificador da renição do eu egocêntrico. É um campo muito especial, que nos foi confiado por nossos grão-mestres, e somos responsáveis por sua pureza e vitalidade. Esse campo nos confere nossa identidade e culmina com o mandato de trazer para o mundo o Graal com sua força e poder de cura. Para todos os alunos, chegou o tempo de realizar essa missão com todas as forças que estão à sua disposição.

E, em terceiro lugar, há o campo da Fraternidade Universal, do qual fazemos parte e de cujas radiações participamos. Nele é construída a “ideação” de sua atividade, que está se realizando no mundo.

Essas radiações são vivificadas em todos os planos de manifestação e retrabalhadas até

A escola Espiritual alcançou sua maturidade. Como as cegonhas, ela abre suas asas para além das fronteiras das nações e de outras esferas para liberar a mensagem da Luz no coração de todos os que aspiram a ela

que sejam finalmente transpostas em realidades concretas. Nesse campo, todas as diferenças se fundem em uma unidade: unidade a partir da qual jorraram, há muito tempo, todos os diversos impulsos no mundo do tempo e do espaço, e da qual ainda jorrarão outros mais.

Em nosso Serviço da Fraternidade do ano passado, comparamos a estrutura da Escola Espiritual a uma casa que, a fim de ser utilizada em nossos dias, precisa ser transformada, adaptada à nossa época.

As paredes principais, que foram estabelecidas sobre alicerces eternos, continuam. As paredes divisórias são demolidas e novas portas são criadas: a escada é transferida para o centro da casa.

Tudo isso é uma imagem da transformação incessante e necessária da estrutura existente no interior do plano de construção universal. O mais importante, sempre, é que a nova escada seja utilizada, que as forças e as energias circulem no andar superior e cheguem até no andar de baixo, sobre a Terra e debaixo dela. E que isso aconteça de cima para baixo e de baixo para cima!

As mudanças sobre as quais falávamos são aspectos dessa transformação. Novas portas estão se abrindo para o exterior, e os cômodos nos quais as pessoas são recebidas em nossa casa – e não seria somente para uma visita rápida – agora têm um significado especial. É por essa razão que gostaríamos de ainda abordar as mudanças da Escola Externa.

POR QUE PRECISAMOS DE MUDANÇAS NA ESCOLA EXTERNA?

Precisamos de mudanças a fim de completar o mandato da Escola Espiritual na época atual. Hoje, é importante dar à Escola Externa uma forma visível, mais acessível e mais “permeável”.

A partir dessa perspectiva, é necessário reconsiderar as fronteiras e as barreiras protetoras que impedem as pessoas tocadas de se ligarem à Escola Espiritual. Esse ponto necessita de uma nova orientação do Trabalho Público, que precisa traduzir a verdade atemporal em uma linguagem moderna, em imagens e metáforas adaptada à nossa cultura contemporânea. O Trabalho Público não proporá, em primeiro lugar, uma matéria de ensinamento, mas irá se construindo a partir da experiência e da situação de vida dos seres humanos.

Na nova estrutura, precisamos também levar em conta a hesitação que os seres humanos de hoje apresentam quanto a ligações e obrigações de longa duração. Não deveríamos considerar essas modificações de comportamento um problema, mas compreendê-las como uma grande necessidade de abandonar os caminhos já batidos. Assim, percebemos essa flexibilidade das pessoas como a condição e a possibilidade de darem uma nova orientação às suas vidas.

O estado de Membro, o primeiro dos sete aspectos da pirâmide, é a esfera na qual os buscadores podem permanecer o tempo que

desejarem para se orientar e direcionar toda a sua vida.

Nessa condição, aprendemos a nos conhecer mutuamente. É assim que eles adquirem conhecimento básico necessário e são colocados em contato com o campo de força para provar se a ressonância interior está presente dentro deles. Em dado momento – que não é pré-determinado – decidem, em comum com os alunos que os acompanham, se é justo e necessário ultrapassar a soleira da aprendizagem e entrar no corpo vivo da Escola Espiritual. Na Escola Externa, haverá somente membros e alunos.

Todas essas mudanças atuais e outras que virão seguem o princípio hermético da evolução, da abertura e do desenvolvimento para o exterior. Esse princípio sucede à fase de involução que vivenciamos até a entrada do novo século.

Esse princípio hermético exige novos modelos transparentes de comportamento e de comunicação com relação aos outros e à humanidade. Não estamos isolados da humanidade, pois fazemos parte dela. E é com ela que seguiremos nosso caminho até a transfiguração.

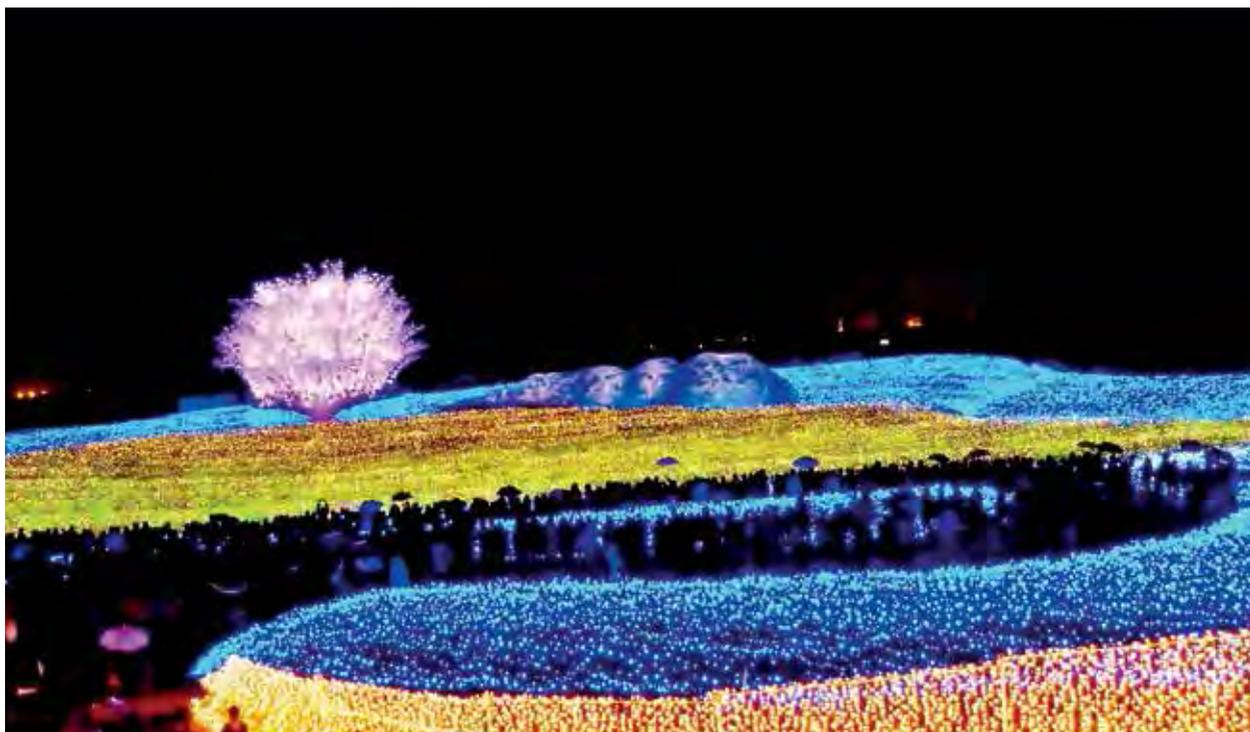
Todos esses desenvolvimentos espirituais são importantes – não somente para nós e para a Escola Espiritual, mas igualmente para o mundo. E isso deve ser percebido e realizado não somente pelos colaboradores, mas por todos os alunos, pois estamos abrindo um caminho de liberdade no interior de

nós mesmos e, assim fazendo, atestamos que ele existe e que é verdadeiramente possível percorrê-lo.

Se em primeiro lugar nos sentirmos humanos e somente em segundo lugar nos sentirmos como um “eu”, então receberemos as mais profundas inspirações! Afinal, a Fraternidade sempre está se dirigindo à humanidade no nível em que somos “Um”, onde somos irmãos e irmãs. Assim, a Fraternidade poderá operar no mundo através de nós.

Nos próximos anos, após os acontecimentos cósmicos mundiais que estão acontecendo, inúmeros seres se abrirão.

Seus arquétipos despertarão e aspirarão à realização. Então, deverá estar presente um campo de encontro espiritual, aberto para acolher todos os que estão profundamente tocados, a fim de que possam ir ao encontro de seu verdadeiro Ser. Nossa Escola espiritual amadureceu. A plena oferenda de amor para o mundo é o que a Fraternidade da Vida espera de nós agora. Somos chamados a fazer do espírito aprisionado um Espírito atuante, a fim de que ele transforme o mundo. ☸



*O caminho, tu o seguirás. A felicidade, tu a esquecerás. O cálice, tu o esvaziarás. A aflição, tu a ocultarás.
A resposta, tu a aprenderás. O fim, tu o trarás. Não encontrando saída, o calor ardente transformará os
carvões em diamantes.*

Dag Hammerskjöld

Foto: “Túneis de luz” envolvem os visitantes dos jardins botânicos de Nabana no Sato, situados na ilha de Nagashima, não muito longe da cidade de Kuwana (Japão). O visitante tem a sensação de atravessar portais mágicos de luzes e cores. Esse efeito se deve aos milhões de LEDs que enfeitam os jardins e flutuam sobre tanques colocados em um vasto terreno.

o tao como fonte do trabalho interior



No Centro de Conferências de Renova, na cidade holandesa de Bilthoven, durante o simpósio “A sabedoria do Tao insondável”, Dianne Sommers apresentou um texto pouco conhecido oriundo da China antiga. Estamos felizes em poder publicar integralmente sua alocução nesta edição da revista **pentagrama**.

Dianne Sommers

○ *Ney Ye*, ou trabalho interior, é um texto chinês nascido na mesma época do *Tao Te King*, que data de três séculos antes de nossa era. Ao estudar o *Ney Ye*, que é um texto um pouco anterior, notei muitas semelhanças de pensamentos com o *Tao Te King*. Na época em que descobri o *Ney Ye*, eu trabalhava como fisioterapeuta e acupunturista, e estava,

NEY YE, UM TEXTO CHINÊS DE 300 A.C.



Numa pedra das montanhas, taoístas conversam sobre os segredos dos imortais. O contraste entre a pequenez do homem e a grandeza da natureza – um dos temas preferidos pelos chineses – é muito bem representado por essa imagem. Zhang Feng, 1658

portanto, acostumada com o pensamento chinês nessa área. Porém, permanecia muito atenta às entrelinhas, ao aprofundamento dessa abordagem no que diz respeito às raízes das dificuldades e problemas humanos – razões que me levaram a iniciar estudos de filosofia para encontrar algumas respostas. Entretanto, consegui respostas mais amplas na filosofia e nos pensamentos

específicos chineses. Munida dessa bagagem, aprofundi-me no *Ney Ye*, e vários aspectos e fundamentos se tornaram mais claros para mim. O *Ney Ye* nasceu numa época conturbada, numa China instável. Muitos pensadores e filósofos tentavam analisar o que acontecia e encontrar soluções diante da miséria provocada pelas incessantes guerras. Foi o período dos “Estados combatentes”;

muitos estavam em guerra, e era ao mesmo tempo uma época fundamental na qual o pensamento chinês tomava forma em torno da questão: Como viver este caos e construir uma ponte rumo às novas perspectivas? No barulho das armas e das batalhas sempre mais numerosas, manifestava-se o desejo de encontrar um caminho interior para uma nova compreensão dos acontecimentos da vida. Esse é o tema essencial do *Ney Ye*, de 350 a.C. Ele trata da senda interior que nos confronta com certos obstáculos. Esse texto é pouco conhecido, pois estava escondido em obra muito maior, o *Guanzi*, atribuída ao estadista *Guanzi* (que na realidade não foi seu autor). É um tipo de coletânea escrita para o governador, rica em conselhos relativos a agricultura, gestão dos negócios de Estado, saúde pública etc.

Apenas um pequeno capítulo do *Guanzi* trata do trabalho interior. Se estudarmos esse texto veremos que o *Nei Ye* é um texto-chave para compreender como enfrentar os acontecimentos: nele, o espírito é abordado sob novo ângulo, para permitir o melhor emprego de suas forças pelo ser humano.

Na época do *Ney Ye*, o espírito era considerado exterior ao ser humano e não diretamente associado a ele. Ou seja: o espírito manifestava-se na natureza, como, por exemplo, o espírito da água, do vento... O contato com o espírito realizava-se mediante

um xamã, por meio de um sacrifício, uma prece diante de um altar, com a esperança de que, assim, os espíritos do vento, da água, das nuvens... fossem favoráveis. Era preciso influenciar o aspecto divino do espírito mediante magia, sacrifícios ou prece, mas essa dimensão divina situava-se fora do homem.

É nisso que o *Ney Ye* muda a relação de forças! Segundo esse texto, não podemos influenciar o espírito mediante um ato exterior, não! É preciso convidá-lo para o interior. É nosso comportamento, nossa orientação, que fazem o espírito penetrar em nós. Pelo trabalho interior, criamos condições apropriadas à presença do espírito. As primeiras frases do *Ney Ye* já dão testemunho das forças presentes no universo. As forças do espírito responsáveis pela criação do todo – a força fundamental – constitui o assunto do início do *Ney Ye*:

*Pela força original, todas as coisas são criadas:
na terra, as cinco sementes;
no céu, o firmamento de estrelas.
Aquele que se move entre céu e terra
nós o chamamos “fantasma” ou “espírito”;
mas, quem o acolhe em seu peito,
nós o chamamos “santo”.*

Quem consegue fazer penetrar em si esse aspecto espiritual é chamado “santo”. Essa pessoa (sua energia vital ou essência) apresenta certas características que, como

Com tua voz, não podes chamá-la,
mas tua consciência consegue acolhê-la.
Com respeito, cuida para não perdê-la.
Isso se chama aperfeiçoar a Força

no *Tao*, não podem ser sempre definidas e nomeadas, mas que revelam grande diversidade.

*Por isso essa energia vital é:
Clara! – como se ela se encontrasse lá no alto do céu;
Sombria! – como se estivesse mergulhada numa poça;
Vasta! – como se preenchesse um oceano;
Intocável! – como se estivesse no alto de uma montanha.
Essa energia exprime-se, portanto,
na oposição, na grandeza, na imensidão,
mas também na claridade e na escuridão.*

O texto continua:

*Por isso, essa energia vital
não pode ser retida pela violência,
mas, mediante a Força,
podes acalmá-la.*

A palavra “Força” é importante, pois estará presente ao longo de nossa leitura. Ela traduz o caráter *Te*, termo que encontramos também no título do livro *Tao Te King*. Assim, a Força pode domar a energia vital.

*Com tua voz, não podes chamá-la,
mas tua consciência consegue acolhê-la.
Com respeito, cuida para não perdê-la.
Isso se chama aperfeiçoar a Força.*

É impossível forçar essa energia. Não podemos obrigá-la a agir ou deixar de agir.

No entanto, podemos acalmá-la por meio da Força. Jamais se pode sujeitar a Força, porém é possível acalmá-la.

Evidentemente, as palavras “Força” e “percepção” têm importância capital. Todavia, em nenhuma língua ocidental parece haver uma tradução inequívoca para esse termo *Te*. A Força (*Te*) é uma faculdade intrínseca, uma força interior, uma energia centrada no bem. Nas línguas grega e latina, nós a encontramos nas palavras *arêthêet virtus*, forças ligadas ao bem, com o significado de “estar apto, capaz, disponível”... É uma faculdade interior, mas, ao mesmo tempo, não exclusivamente pessoal. Em inglês, *an endowment* é algo que nos é dado, uma dádiva do céu com a qual se pode trabalhar, eventualmente por meio de objetos sagrados; um potencial ou força, intrinsecamente ligado ao que é celeste. Algumas dessas substâncias carregam em si essa força criadora, que pertence a diversas manifestações e também aos seres humanos. O *Te*, ou a Força, transmite o poder de realizar, mas quem o exerce deve consagrar esse poder à realização fiel do plano ligado à sua essência e aos desígnios originais. O trabalho interior apoia-se essencialmente nessa Força. Vista sob esse ângulo, ela é a manifestação do *Tao*, encarnando-se na natureza que, por sua vez, se exprime nela.

O verso 51 de Lao Tsé nos dá um exemplo disto:

Na alquimia chinesa, o homem transfigurado é frequentemente comparado a um grou. Por vezes, podemos contemplar grouz reunidos que, em seu voo grupal, fendem o espaço em unidade de grupo e elevam-se rumo à imensidão do céu

*Por isso todos os dez mil seres honram
o caminho e estimam sua Força Te,
sem que uma ordem seja dada,
tal como é por natureza.*

“Por natureza” significa algo evidente: o *Zi Ran*, que, em chinês, significa “espontaneamente, naturalmente, à sua própria maneira, do seu jeito”. Sem adversário exterior, nada nem ninguém a impõe. Não se trata de um dever moral: é uma virtude que faz emergir o melhor dentro de nós, com determinação. Esse é, portanto, o primeiro conceito importante: a Força.

O segundo conceito que se destaca é o *Yi* (a testemunha, o velador, a consciência...). Recordemos a frase: “Com tua voz, não podes chamá-la...”

Nossa vontade não pode se apropriar dessa Força. Mas, com nossa consciência, podemos acolhê-la. Velar é o significado contido no *Yi*, termo que pode ser traduzido de diversas maneiras.

Como é bem característico do pensamento chinês, assim cria-se uma imagem, pois *Yi* pode significar “consciência”, mas também “aquilo que nos torna conscientes”, “aquilo que determina a forma de pensar”, “o que cria a intenção, o desejo, a ideia que mantemos em relação a” ou “aquilo que nos impulsiona a permanecermos voltados para determinada direção”. Essa consciência permite acolher a Força, e esse movimento

(consciência, acolhimento, Força) é um aspecto fundamental do *Ney Ye*.

No verso 8 do *Ling Shu*, um texto que trata de medicina e acupuntura, lemos que é o nosso coração que nos torna capazes de agir. O coração é o imperador! É aquele que toma as decisões. O que o coração recorda, o que o coração retém, o que capta sua atenção, a isso chamamos também de *Yi*. O *Ney Ye* explica que nosso coração é a morada que podemos ofertar ao espírito, à fonte de força do universo, ao Espírito onipresente. É aí que o espírito encontra refúgio. Por natureza, há espírito em nós! Ele vai, ele vem. Em outras palavras: não partimos da ideia de que, por definição, o espírito seja permanente em nós.

Ninguém está em condição de compreendê-lo totalmente.

Perde-o, e o caos virá.

Liga-te a ele, e a ordem nascerá.

A ordem e o espírito mantêm uma relação muito particular no ser humano.

Conserva tua morada com respeito:

Então, a essência (presente em nosso universo) emergirá espontaneamente.

*Medita sobre isso com devoção,
criando a ordem pela atenção silenciosa.*

(O que significa: cuide de seu coração para que ele se torne um refúgio que abriga o



espírito; proporcione-lhe a paz e ele será o anfitrião do espírito.)

*Quem cria o equilíbrio em seu coração
aguça o ouvido e o olhar,
fortalece seus membros.
Nele, a essência pode permanecer.*

Esse trabalho interior também dá maior acuidade aos sentidos, melhora a forma física. A essência que sustenta esse processo é vivificada no homem que purifica seu coração.

*Um coração ordenado permite à boca
pronunciar palavras ordenadas.
Se teu trabalho e o trabalho que pedes aos outros
é organizado,
então o Reino inteiro será organizado.*

Aqui o pensamento dá um salto adiante: um ser bem organizado – portanto, um *Zi Ran* – coloca o mundo inteiro em ordem! Isso é evidente. Quer melhorar o mundo? Comece em você mesmo!

A relação entre micro e macrocosmo é muito importante no pensamento chinês. Enquanto os filósofos tentavam resolver os problemas dos Estados combatentes e erradicar a miséria, a resposta do *Ney Ye* foi: comece pondo em ordem seu ser interior; isso gerará uma radiação que colocará o mundo em ordem. O microcosmo é, portanto, responsável pela evolução do macrocosmo. O homem não é uma montagem mecânica e autônoma de órgãos, mas uma encruzilhada: é aí que o céu e a terra se unem.



*Na vida do homem,
o céu procura a essência;
a terra dá a forma;
sua interação cria o homem.*

O céu nos liga ao espírito: ele nos dá a essência, a energia vital, a vida. A terra nos dá a forma. Depois, os dois se fundem no homem, que é o produto da terra e do céu: o homem microcosmo, espelho do macrocosmo, do universo cósmico.

A entidade que abrange o céu e a terra é normalmente considerada a fonte essencial do pensamento chinês. A característica primordial desse grande todo é o *Zi Ran*. Os chineses clássicos não têm de fato uma expressão para designar o que entendemos por “natureza”. A tradução mais próxima dessa noção seria “natural”, “o que é evidente”. O macrocosmo, a manifestação natural, é o que é evidente. O *Zi Ran* é ao mesmo tempo uma manifestação dotada de movimento perpétuo, circular, onde tudo retorna e eternamente se repete segundo um ritmo cíclico. Por isso, o Estado e os ritos exprimem as características do macrocosmo refletindo-o, para que seus fundamentos (ritmo e eternidade) possam se encarnar no microcosmo. A interação entre macrocosmo e microcosmo constitui um sistema dinâmico no qual eles se influenciam mutuamente. Como definir essa interação?

O macrocosmo, com suas estrelas e planetas, determina a vida do ser humano assim como os movimentos na superfície da terra, o vento e a água: *Feng Shui*; todos têm a sua importância como forças da própria terra. E, inversamente, o ser humano e seu microcosmo influenciam o grande Todo.

Uma representação chinesa dá uma boa ideia do lugar do ser humano nesse Todo: uma natureza imensa tendo no interior... um pequeno, pequenino homenzinho!

Mas temos ainda algumas perguntas em relação a essa interação entre micro e macrocosmo. De todas essas influências, quais são as que o ser humano pode permitir que ajam dentro dele, e quais ele deve evitar? Onde estão os limites entre os dois e como gerenciar o que se comprova ser conflitativo? Como manter em equilíbrio micro e macrocosmo? O *Ney Ye* ensina ao ser humano a maneira de influenciar o macrocosmo, mas como se produz essa interação? O macrocosmo, a natureza, o todo, é *Zi Ran*, e é evidente.

Já em relação ao microcosmo, tudo é diferente: o *Su Wen* afirma que o ser humano (o microcosmo) é degenerado. Seu potencial original enfraqueceu em razão de seu comportamento.

Na época atual, os homens mudaram seu modo de vida.

Eles bebem vinho como se fosse água,

Tao ke tao fei chang tao...

O caminho que pode ser nomeado não é o caminho da eternidade

*elas se afogam em atividades destrutivas
e diminuem, assim, sua atividade vital.*

Nada de novo debaixo do sol! E vejam que antigamente ainda era melhor que hoje. (Lembre-se de que o *Su Wen* foi escrito por volta do ano 100 a.C.!)

E qual seria a solução apresentada pelo *Ney Ye*?

Alcançar um nível superior de consciência, uma ordem chamada Céu, descobrir o Único, o *Tao*. Seguindo o justo Caminho, podemos encontrar a iluminação, uma vez que, percorrido como deve sê-lo, o *Tao* é o espelho da ordem superior. No entanto, em sua época, Lao Tsé foi muito criticado: “Você afirma que *Tao* (o Caminho) é indefinível, mas então por que escreveu um livro inteiro a respeito dele?”

Quanta semelhança entre o *Ney Ye* e Lao Tsé!

*O caminho não tem raiz nem tronco,
nem folha, nem flor.
No entanto, o que dá vida às dez mil coisas,
carregando-as rumo à plenitude,
nós o chamamos o Caminho.*

Os primeiros versos do *Tao Te King* dizem: O caminho que pode ser exprimido. Eles são seguidos pelo verso “*fei chang tao*”: este não é o caminho permanente, o eterno, o exato... O que significa que, no momento

em que se afirma “Encontrei exatamente o caminho, meu caminho, essa é a definição”, então não estamos no Caminho! O *Ney Ye* propõe a mesma coisa:

*O que a boca não pode exprimir,
o que os olhos não podem ver,
o que os ouvidos não podem ouvir,
isso nós o chamamos o Caminho.*

*Sempre estreito, denso,
sempre amplo, flexível,
sempre firme, sempre sólido,
reafirma essa escolha: não a abandones.
elimina o excesso e abandona a falta,
e, graças à compreensão dos quatro extremos,
retorna novamente ao Caminho do Tao
e à sua Força Te.*

Aqui, estamos fazendo apenas algumas aproximações, sem descrições exatas, numa tentativa de identificar apenas o essencial. A última estrofe do *Ney Ye* mostra que a energia vital espiritual, o motor que a mantém, tem uma ligação muito especial com o coração humano:

*Essa energia espiritual que se encontra no coração
ora vem, ora desaparece,
é tão pequena que nada pode nela entrar,
tão grande que nada pode dela sair.*

*A inquietude que prejudica
afasta essa Força.*

*Mas, na quietude do coração,
o caminho se afirmará por si só.
Naquele que compreendeu o Caminho,
essa força escorre pelos poros e cabelos,
e, no seu foro íntimo, nada de perecível subsistirá.*

Aqui o Caminho associa-se ao imortal, ao imperecível. Seguir o Caminho é um desafio pessoal: reconhecer seu destino e preencher com ele sua vida, permanecendo fiel a esse Caminho.

O *Ney Ye* explica como encontrar nossa essência, mostra a importância dessa escolha, e ensina a discernir as coisas, para navegar em meio aos extremos com um coração ordenado e nele acolher o Espírito. Assim, a Força crescerá! O *Ney Ye* pode ser resumido assim: “O céu inteiro escuta um coração ordenado!” ✪

Dianne Sommers, autora deste artigo, estudou filosofia em Amsterdã e chinês clássico em Leiden. Interessa-se particularmente pela medicina chinesa da China antiga. Em 2007, publicou uma tradução e uma interpretação filosófica do *Ney Ye*, texto que data de 350 a.C. É acupunturista e fisioterapeuta desde 1983.



Quando chegares ao ponto em que já não esperas resposta, conquistarás a capacidade de dar de maneira que o outro possa receber com reconhecimento. Porque, uma vez que teu amor amadureceu em sua ascensão para a luz e se transformou em força de radiação, a Bem-Amada se liberta de sua dependência em relação ao amante, e o amante se torna perfeito como a Bem-Amada.

Dag Hammarskjöld

um espelho dos príncipes para os dias de hoje

O *Tao Te King*, livro escrito por Lao Tsé e conhecido no mundo inteiro, também é chamado na China de “O espelho dos príncipes”. Na época de Lao Tsé, a China era dividida em vários estados, e cada governante, segundo a crença, teria recebido seu mandato diretamente do céu. Todos os soberanos governavam e viviam em harmonia com *Tao*, em total desapego. Dessa forma, eles eram um exemplo para seu povo e a força de *Tao* (o *Te*) exercia sua influência também sobre eles, para que todos pudessem viver em harmonia com o próprio *Tao*.

Nessa época, os homens ainda não tinham desenvolvido uma grande individualidade. Por isso, era necessário apenas que o príncipe vivesse em harmonia com *Tao* para que todos o imitassem. Lao Tsé dava importantes conselhos aos príncipes – como o de não se colocarem acima do povo, mas, ao contrário, abaixo dele.

Um rio só pode se alargar, quando se situa em um nível mais baixo que muitos pequenos riachos. A época da seca esvazia regularmente seu leito; a época de chuvas permite ao rio encher-se de novo. Quando ele transborda, fertiliza a terra ao seu redor. Para que os grandes rios possam

finalmente desaguar no mar infinito, é necessário que o mar esteja em um nível mais baixo – como de fato está. Assim também um rei só pode ser poderoso se for humilde, se não se colocar acima de seu povo e sempre ficar atento às necessidades da população.

A corrente de *Tao* deságua no grande oceano porque *Tao* está abaixo!

É por isso que todos os riachinhos desembocam no *Tao*.

Muitos e muitos séculos se passaram depois de Lao Tsé. E desde o século 18, o “Século das Luzes”, o desenvolvimento espiritual do homem ocidental já não depende de um sobe-

Diz Lao Tsé, no versículo 39:

○ nobre tem suas raízes na modéstia.

○ alto tem o baixo como sua base.

Bartho Kriek

A simplicidade é o fundamento da honra.

○ baixo, o fundamento do alto.

John Willemsens

Lao Tsé explica, no versículo 66:

Por que os grandes rios e oceanos podem ser reis de tudo o que escoam?

Porque eles sabem se conter, são mestres de todas as correntes.

Assim, ao falar, o sábio deve se colocar abaixo do povo, se quiser ser superior a ele.

Se quer ser exigente em relação a seu povo, deve colocar-se em último plano.

Coloca-se abaixo de todos sem ser um peso para seu povo.

É exigente sem magoar o povo.

Assim, o reino o obedece na alegria e não se cansa dele.

E, como ele evita todos os conflitos, ninguém no reino pode se comparar a ele.

Henri Borel

É porque sabem colocar-se mais abaixo que elas que os grandes rios e oceanos governam todas as correntes de água.

Eis porque eles são seus reis!

Que o sábio se encontre em primeiro lugar, pelo fato de se colocar atrás do povo.

Ele está acima do povo porque, durante seus discursos, coloca-se abaixo dele.

Assim, pode encabeçar o povo sem que ele se sinta pressionado,

e dirigir seu povo sem que ele se exponha a prejuízos.

O mundo está feliz com ele e não se cansa dele.

Isso acontece porque ele jamais se coloca como rival.

Assim, ninguém no mundo pode rivalizá-lo.

Kristofer Schipper

ALCANÇAR O ESSENCIAL



Para Lao Tsé, v. 8, o Tao é como a água:

O bem supremo é parecido com a água. A água é um benefício para todas as criaturas e sem lutar por isso. Faz morada em todos os lugares que os homens desdenham. Nela, o bem está próximo do Tao.

J.A. Blok

Não há nada de superior em ser parecido com a água. A água doa seus benefícios a todos, sem se opor. Porque o povo despreza a humildade de sua posição, a água está muito próxima do Tao.

Kristofer Schipper

Lao Tsé, versículo 32:

No Todo sub-celeste, o papel da Senda (o Tao) compara-se ao papel dos riachos das montanhas e dos vales em relação ao rio que corre para o mar.

J.J. Duyvendak

A Senda (Tao) é para o mundo o que o rio e o mar são para os ribeirões e riachos.

Bartho Kriek

rano, mesmo que exista um: as pessoas seguem seu próprio “soberano”, dispostas a encontrar o caminho para viver em harmonia com o Tao.

Notemos que alguns comentaristas modernos do *Tao Te King* interpretam o significado de “o povo” como o símbolo do corpo com seus órgãos, seus tecidos, seu sangue e seus hormônios...

Para que um homem se torne soberano, no sentido figurado ou real, as condições são sempre as mesmas de antigamente. Zhuang Zi (Choung Tse) expressa esse pensamento desta forma:

Verdadeiramente!

Permanecer aberto e silencioso,

clemente e pacífico,

em completa calma e não fazer...

é aí que está a base das dez mil coisas!

Esses princípios,

que nos fazem tomar a posição subalterna,

representam o Tao oculto do sábio:

o Tao do rei sem coroa.

(Zhuang Zi 13/1)

O não fazer significa: nada fazer por interesse pessoal.

Zhuang Zi continua:

Aquele que consegue ser silencioso como um sábio,

mover-se como um rei,

e, que graças ao não fazer,

consegue elevar-se

e continuar sendo simples em relação ao mundo...

esse, ninguém poderá superar!

(Zhuang Zi 13/1)

Esse rei nunca se coloca na frente de todos: ele é simples e modesto, e sobretudo silencioso. Graças a esse silêncio, ele pode viver no não fazer: o *wu wei*, como o denomina Lao Tsé. É o caminho que leva toda uma vida, porque o homem tradicional

Assim diz Lao Tsé no versículo 22:

É por isso que o santo se liga a ela e dela faz uma norma para tudo que está abaixo do céu.

Ele não mostra nada de si mesmo:

é por isso que ele aparece.

Ele não se afirma:

é por isso que ele é "semelhante".

Ele não se vangloria da sua capacidade:

é por isso que ele tem êxito.

Ele não se glorifica dos próprios méritos:

é por isso que ele governa.

Em verdade, precisamente por ele não ser rival de ninguém,

ninguém no mundo pode se rivalizar com ele.

J.J. Duyvendak

É por isso que o sábio compreende, abraça o Único e se torna um exemplo para o mundo.

Ele não deseja parecer uma luz:

é por isso que ele é iluminado.

Ele não procura ser o homem desejado:

é por isso que ele supera os outros.

Ele não se vangloria de seu trabalho:

é por isso que ele tem mérito.

Ele não se acha elevado:

é por isso que ele é superior.

Ele não luta: é justamente por isso que ninguém no mundo pode medir-se com ele.

Henri Borel

sempre vai abrir cada vez mais espaço dentro de si mesmo para o homem voltado para o *Tao*.

A esse respeito, J. van Rijckenborgh diz:

“Mesmo que nessa fase o homem disponha e ainda precise se servir de seu corpo físico (‘o ancião’), ele reinará com amor sobre o reino, que está longe de ser perfeito, no *wu wei*; quer dizer, de maneira não egocêntrica, ele pisará o caminho da renovação”.

O caminho do *wu wei* coloca uma condição: ser silencioso. Não um silêncio ostensivo, pois este procede da vontade, e o ruído o seguirá, inevitavelmente.

O silêncio ao qual ele se refere é um silêncio interior, que vem de uma orientação do centro inalterável, no coração: uma orientação ligada ao *não fazer*. Então, a pessoa se esvazia de sua própria importância, como quando, no vale, o riacho fica

seco. Então, esse vazio se preenche instantaneamente com a força do *Tao*: o *Te*.

E o que diz a esse respeito J. van Rijckenborg? “O transfigurismo fala da perda do eu, de uma completa perda de si mesmo. E por essa perda se ganha Isto. Isto é o *Tao*. É o que dá valor ao transfigurismo. É o homem-deus ainda não nascido, ainda indeterminado. Isto não tem mais nada do “eu mesmo” – e, no entanto, nasce para o sacrifício do “eu mesmo”. É um mistério essencial”.

O “Rei” de hoje só pode ser rei porque ele é servo, e se coloca abaixo como um riacho no vale. Ele tem os meios porque ele leva *Tao* em seu coração. ♣

Coração para Tao, escrito por Elly Nooyen é considerado como um guia para a leitura do *Tao Te King*.

um jardim de luz

“Você não é nem óleo nem ar”, disse um dia Dag Hammarskjöld*. “É apenas a mecha, o ponto onde a chama produz a luz: não passa de uma lente debaixo do feixe de luz. Por isso, somente poderá receber, dar e possuir a luz como uma lente. Se estiver em busca de si mesmo, roubará a transparência da lente. A vida lhe é revelada de acordo com a medida da transparência que você tiver – que é a capacidade de entregar-se e de deixar de se ver como objetivo. E é em função do seu progresso como instrumento para servir que você mesmo será conhecido”.

A primeira vista, quando se trata de viver e trabalhar, podemos aprender muito com os animais e as plantas. Logo de início, a variedade das combinações já se apresenta de forma surpreendente. Sabemos que não há nada de extraordinário em ver um elefante andando alegremente na companhia de um rato – em um conto de fadas. Mas essa cena é altamente improvável na realidade cotidiana!

Quanto a nós, seres humanos, somos marcados por uma deficiência bem persistente: é que nossa consciência original, tão excepcional e repleta de perspectivas que abraçavam o cosmos, foi obumbrada e, com o passar do tempo, substituída por uma autoconsciência. Foi assim que nos tornamos “indivíduos”. “Indivíduo” significa, originalmente: “não divisível”. Ou seja: temos de aceitá-lo como ele é ou deixá-lo de lado, sem realmente permitir qualquer possibilidade de compromisso. Portanto, é previsível que um “umbigo do mundo” como esse, quando cruzar nosso caminho, entre em colisão com o nosso “umbigo do mundo”, que acalentamos dentro de nós mesmos. E as chances de esses dois conseguirem conviver lado a lado são mínimas. Quanto a colaborar com outros ou em grupo, isso se revela muito mais difícil.

Seria possível uma ação coletiva? Porque, definitivamente, um projeto coletivo é realizado por vários indivíduos, como se fosse aquela brincadeira de “cabo de guerra”, quando todos os jogadores puxam juntos uma

só corda. A harmonia que se instaura entre o grupo e o indivíduo depende em grande parte de que eles estejam de acordo quanto a espaço, liberdade de visão e de ação, e também da atenção com que se dedicam. Uma tarefa coletiva é gerada tanto do exterior, a partir de uma direção reconhecida por todos, como do interior, movida pela solidariedade e o entusiasmo. Alguém poderá dizer: “Eu traço o projeto”. Outro dirá: “Pode deixar que eu faço a decoração”. Mas aquela senhora um tanto séria que faz a limpeza poderá ter uma visão mais ampla do canteiro de obras e pensar orgulhosamente: “Vamos construir uma catedral!” Aqui se revela uma consciência de identidade que vai além da soma dos indivíduos do grupo.

No entanto, o desenrolar das coisas não é assim tão fácil. Todos nós temos alguns traços que se tornam defeitos quando exageramos, ou quando somos pegos de surpresa. Uma colina vira uma montanha difícil de transpor. Quantos sonhos, pequenos e grandes, tornam-se pesadelos ao pé dessa montanha? Quantos ficam atolados em aborrecimentos e conflitos? Mas exatamente essa colina, esse pequeno desnível no caminho, pode ser o lugar onde acontecerá o impulso para um processo de desenvolvimento humano único e inesperado. No livro *Do castigo da alma*, Hermes dá este conselho surpreendente: “Deixa atuar a essência, mas nega as propriedades”. Aí está um ensinamento que nos faz meditar – e que só ganhará vida no momento em que se libertar do papel.



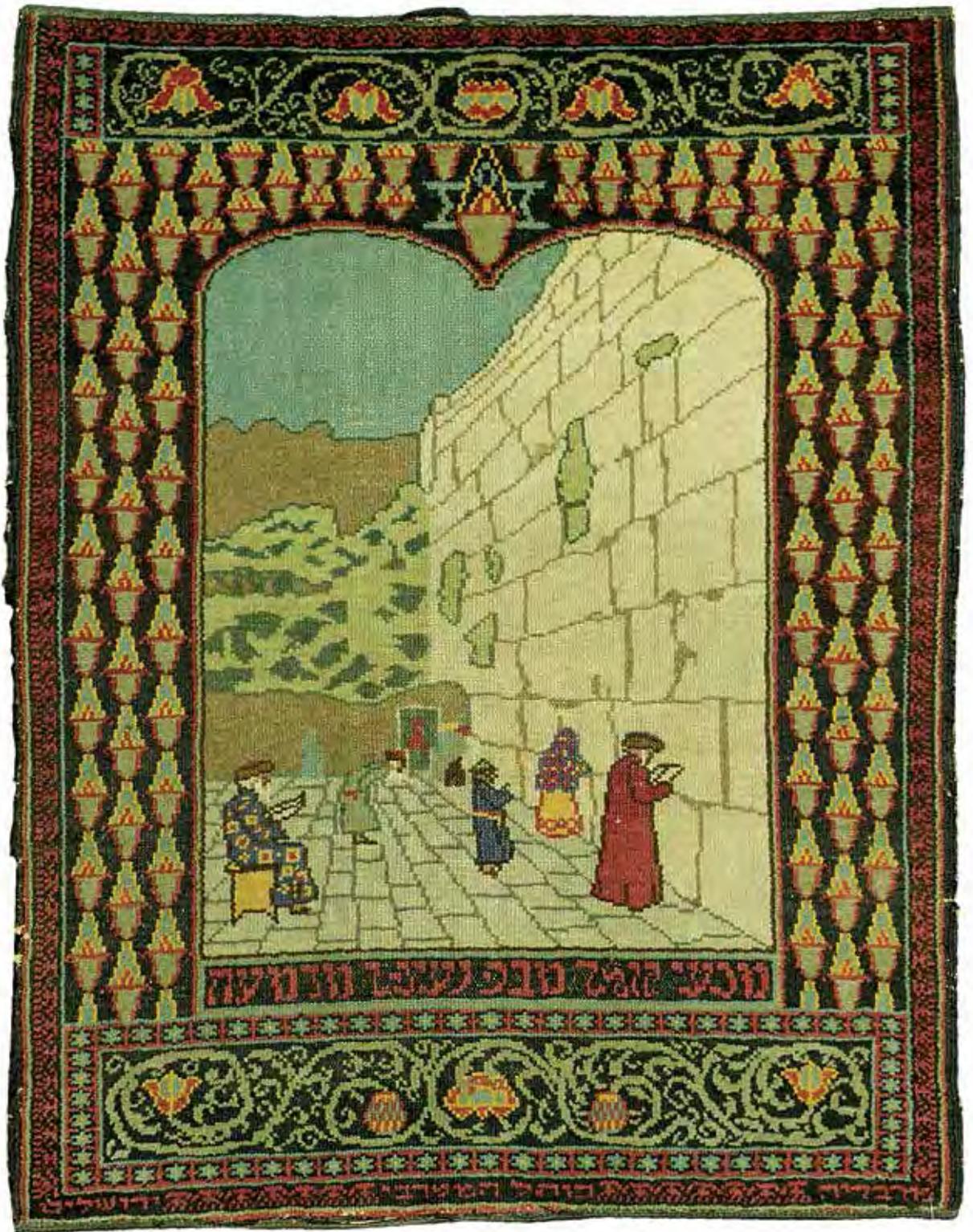
Quando batemos de frente com as pessoas que estimamos, vemos nelas essa colina, como uma propriedade intolerável. Mas ela não passa de uma mancha escura em nossa própria alma: um ponto que não reflete a luz.

Mais do que nunca é necessário trocar uma parte do “eu” por uma parte do “Outro”: é preciso mudar do nosso suposto “centro” para o Outro, que é o núcleo universal, que vive e opera em cada um de nós. Esse Outro é nossa identidade especial: ele marca nosso verdadeiro lugar e função no Todo. Assim, à medida que formos liberando espaço para esse Outro em nosso coração, sua glória e poder crescerão. Com esse processo, todo e qualquer desequilíbrio interior poderá desaparecer se considerarmos como tudo é relativo e trouxermos para nossa vida um leve toque de humor. Assim, depois de ter sido confrontado com a dureza da montanha, nos encontraremos em um jardim de luz.

Quando cabeças, corações e mãos se fundem em um só corpo, cada um dos membros pode cumprir sua tarefa com toda liberdade e autonomia – mas, nesse momento, direcionados pelo centro, pelo espírito. Nós já sabemos: lá onde a luz pode atuar no indivíduo, ela opera no grupo inteiro! Novamente o princípio de base é “receber e dar”: tomem seus lugares e entreguem-se à tarefa que está à espera de vocês.

Dessa maneira, construiremos juntos (cada um em seu próprio coração, e, ao mesmo tempo, em conjunto com o grupo de pessoas afins, conhecidas ou desconhecidas) uma luz brilhante: uma casa *Sancti Spiritus*, que é também chamada de “Templo do meio”. Num lugar privilegiado como esse, a luz ilumina a tudo e a todos, sem distinção: porque, no grande ordenamento da Luz, tudo e todos têm seu lugar e sua tarefa. ✪

* Sobre Dag Hammarskjöld, consulte o artigo na página 45



o fogo de ba'al shem tov

O século 18 é por vezes descrito como o apogeu da cultura europeia. Esse período já tem início com um ponto culminante: o aparecimento do gênio conhecido como Johann Sebastian Bach, e termina com grandes personagens, tais como Voltaire, Wolfgang Amadeus Mozart e George Washington. No leste europeu, nessa mesma época, viveu um homem especial, originário da comunidade judaico-hassídica implantada nas pequenas cidades da Silésia: Miedzyborz, Szargrod e Ropczyce.

Esse homem era o lendário Israel Ben Eliezer, nascido em 1698 e morto em 1760, conhecido com o nome de Ba'al Shem Tov, ou *Besht*. Como místico judeu, ele deu ao hassidismo – corrente mística da religião judaica – uma visão e uma orientação totalmente diferentes. Trata-se de um conteúdo cujo significado teve grande influência sobre a corrente do pensamento judeu e que abriu novas e fascinantes perspectivas para a alma de seu povo, magnificamente ilustradas por Martin Buber em seu livro *A lenda do Ba'al Shem*.

Um Ba'al Shem é um *Mestre do Nome*. Ba'al Shem Tov trouxe um momento de alegria e de elevação em um período de inexprimíveis aflições. Em todas as comunidades judaicas, ele foi a centelha que preservou numerosas famílias diante das trevas e do vazio. Sua centelha transformou-se em uma chama que iluminou a escuridão: graças a ele, o hassidismo adquiriu novo desenvolvimento.

É notável o fato de que ele desapareceu, por assim dizer, como por encanto, sem deixar o menor vestígio autobiográfico. Não existe nenhum retrato nem documento que prove sua existência. Ao aluno que confiou seu ensinamento ao papel, ele disse: “Não há nada de mim em suas páginas: você pensa ter ouvido o que eu não disse. Eu disse uma coisa, você ouviu outra e escreveu uma terceira”. Pleno de eternidade interior, ele somente pode ser lembrado como uma lenda, mas uma lenda com consequências profundas e duradouras.

O pai de Israel reconheceu os talentos excepcionais do filho em idade precoce. Pouco antes de morrer, disse-lhe: “Lembra-te disto, meu filho: Deus está contigo, e somente a Ele deves

temer”. E Israel, por sua vez, mais tarde, acrescentou: “Deus vê, Deus observa. Ele está em toda vida, em cada coisa e tudo dá testemunho de sua vontade. Ele decide o número de vezes que uma folha rola na poeira, antes que o vento a carregue”. A fim de se distinguir dos Mestres do Nome que o haviam precedido, acrescentou a palavra *Tov*, o Bom: o Ba'al Shem Tov. Sempre em viagem, aparecia vez por outra em vilarejos, florestas ou em algum mercado. Quando se interessava particularmente por alguém, esforçava-se para integrá-lo a seu círculo de amigos, sem jamais fazer a menor distinção entre homens e mulheres. Os únicos que não tinham graça diante de seus olhos eram os rabinos oficiais. Reclamava deles dizendo: “Um dia, tanto farão que impedirão a vinda do Messias”. Do mesmo modo, tinha pouca estima pelos médicos, como o testemunham suas palavras: “Eles acham que podem explicar tudo, porém só enxergam o lado exterior dos males”. Era sobretudo conhecido por sua benevolência, atenção e afabilidade. “Enquanto o ramo não estiver separado da árvore, há esperança”, tinha o hábito de dizer. E também: “Para tirar teu amigo do lodo, não temas sujar-te”, ou “Um

O fervor de um coração puro supera o pensamento complexo e insondável; o orgulho do conhecimento é pior do que a ignorância. Pesquisar é mais valioso do que encontrar

pequeno *tsadik* ama os pequenos pecadores; um grande *tsadik* ama os grandes pecadores” (Um *tsadik* é um servidor de Deus). Com efeito, numerosas estórias circulam sobre a conversão de rabinos e outras personagens que se desviaram do caminho reto, graças ao Ba'al Shem. Por questão de princípio, ele não julgava; estava ali para auxiliar, e não para julgar. A seu cocheiro, disse certa vez: “Joga fora teu chicote, eu te peço, porque, mesmo que um cavalo deva sofrer algum tipo de punição, quem disse que és tu quem deve aplicá-la?” Ele não tinha a menor vergonha de frequentar os círculos mais ou menos suspeitos: julgava sua presença ali mais necessária do que entre aqueles considerados justos. Certo dia, foi testemunha de uma alteração entre sua mulher e a criada. Quando viu que as duas mulheres se preparavam para ir ao tribunal dos rabinos, levantou-se, vestiu suas roupas de *sabbat* e as acompanhou. “Por que estás fazendo isso?”, perguntou-lhe a mulher, “Não preciso de tua ajuda”. Ba'al Shem respondeu: “Tu não precisas, mas a jovem, sim. A ti, eles conhecem, mas a essa pobre órfã ninguém ajudará nem defenderá”.

No hassidismo de Ba'al Shem Tov, os aspectos mais velados do ensinamento judaico prevaleceram por algum tempo sobre os aspectos oficiais. O hassidismo parte da premissa de que o Uno tudo concedeu, mas que tudo deve também ser feito. Se as forças são dadas por Deus, a tarefa dos homens é aceitá-las e trabalhar com elas,

pois a perfeição não é alcançada por herança ou hereditariedade.

Em razão de suas palavras e de seu comportamento, Israel Ben Eliezer encontrou muita incompreensão em sua comunidade. Certa vez, ele explicou isso da seguinte maneira: “Entre as galinhas, havia uma que tinha chocado um ganso, e, quando este entrou na água, as galinhas, desesperadas, tentaram ajudar o pobre animal, porque ignoravam que a água era o elemento do ganso”.

O ensinamento hassídico desse sábio é o que a diáspora, o judaísmo disperso por todo o mundo, trouxe de mais poderoso e excepcional; trata-se de nada menos que o anúncio do renascimento. Imaginemos um palácio com inúmeras portas e, por trás de cada uma, um tesouro que espera pelo visitante, que não sente mais nenhuma necessidade de ir adiante, porque pode ali mesmo servir-se a seu modo. Contudo, no final do corredor encontra-se o rei, pronto para receber aqueles que vêm até ele por sua causa, e não por causa de seus tesouros.

Certo dia, o Ba'al Shem permaneceu em oração por mais tempo do que de costume e, cansados, muitos de seus alunos foram embora. Na vez seguinte, ele conta-lhes, a esse respeito, o que se segue: “Imaginem um pássaro raro no cimo de uma árvore. A fim de apanhá-lo, os homens fazem uma escada vivente ao longo da qual um deles pode se alçar. Mas os homens em baixo, que não conseguem ver o pássaro, perdem a paciência e vão para casa. A escada humana desaba e o pássaro raro sai voando”.



Outra vez, explica-lhes o significado do hassidismo e pergunta: “Vocês conhecem a estória do ferreiro que queria se tornar independente? Comprou uma bigorna, um martelo, um fole e pôs-se a trabalhar. Porém o esforço foi em vão, pois a forja permanecia sem vida. Então, um velho ferreiro, a quem ele foi pedir conselho, disse-lhe: ‘Tens tudo de que precisas, menos a centelha.’” E isso – segundo o Ba’al Shem – é precisamente o hassidismo: a centelha! O ensinamento hassídico e a vida dos hassidim estão fundamentados em quatro pilares: *Hitlahavut*, *Avodá*, *Kavaná* e *Schiflut*.

HITLAHAVUT – O ARDOR DE NOSSA ASPIRAÇÃO Eis uma comparação: aquele que deseja uma mulher ardentemente e observa suas vestes multicoloridas, não deseja as vestes nem as cores, mas a magnificência da mulher, desejando que esteja vestida com elas. Assim também, enquanto algumas pessoas não veem nada além das vestes deste mundo, aquele que verdadeiramente aspira a Deus,

ao ver as coisas exteriores, não vê senão a força e o poder do Criador primordial, que vive por trás de tudo. A isso, os rosa-cruzes chamam de “anseio de salvação”. Assim é a vida terrestre do *hitlahavut*, que se eleva e transcende todo limite e se torna *uno* com Deus. *Hitlahavut* é igualmente a taça da graça e a chave eterna: revela igualmente o sentido da vida, a elevação progressiva até o infinito. Os anjos repousam em Deus, mas os espíritos santificados progredem em Deus. O anjo é aquele que não muda de lugar; o santo é aquele que avança. Eis por que o santo está acima do anjo.

Hitlahavut significa, ao mesmo tempo, o fim da sujeição, o rompimento da última cadeia, a dissolução que liberta de tudo o que é terreno.

AVODÁ – BUSCAR, ABRAÇAR A DEUS: ESSA É A TAREFA O mistério da graça é inexplicável. Entre buscar e encontrar, situa-se todo o campo de tensão da vida humana – sim, o retorno milhares de vezes repetido pela alma inquieta em suas



No ponto de repouso no centro de nosso ser, ingressamos em um mundo onde todas as coisas se encontram igualmente em repouso. A árvore torna-se então um mistério, a nuvem uma revelação, cada ser humano um cosmo do qual captamos apenas um simples vislumbre de sua beleza. A vida simples é cheia de simplicidade, porém ela nos abre um livro em que não conseguimos ler mais que uma simples sílaba.

Dag Hammarskjöld

erranças. E, todavia, Deus quer ser procurado. E como poderia ele desejar não ser encontrado? Sobre isso, existe uma anedota interessante: o filhinho do rabi Baruch, da família de Ba'al Shem, brincava um dia de esconde-esconde com um coleguinha. Depois de se esconder, ele permanece por longo tempo em seu esconderijo: pensa que o colega o está procurando, mas que não consegue encontrá-lo. Após esperar bastante tempo, enfim ele se mostra e vê que seu colega já não está ali. De repente, ele compreende que, desde o início, o amigo não o tinha procurado. Corre até seu avô e, aos prantos, se queixa do maroto. Então, lágrimas correram dos olhos do rabi Baruch, que disse: “Assim também fala Deus.”

O homem deve compreender que seu sofrimento provém do sofrimento da *Shekiná* (a centelha do espírito aprisionada). Ele deve compenetrar-se de que sua falta é a falta da *Shekiná*, e que, portanto, não deve buscar uma solução para suas próprias necessidades, sejam elas de ordem inferior ou elevadas, mas sim colocar-se a serviço dessa perda da glória divina. Assim, espontaneamente, tudo se resolverá – até mesmo seu próprio sofrimento. Por isso, ele deve cuidar de não destruir a semente do eterno.

No tocante à oração, a *Shekiná* diz: “Eu sou a prece”. Essa frase evoca o texto de uma cantata de J.S. Bach: “Não sabemos como formular nossa prece, porém o espírito em nós ora lançando suspiros inexprimíveis”. Ou ainda: “Senhor, Tu conheces meus pensamentos, antes mesmo que qualquer palavra venha a meus lábios”.

Conta-se que, certa vez, o Ba'al Shem permaneceu à soleira da casa de orações e não quis entrar, dizendo com repulsa: “Não posso entrar aí, pois a casa está cheia, de alto a baixo: sim, está sobrecarregada de orações”. Os que o acompanhavam ficaram atônitos, pois achavam que não poderia haver maior mérito que aquele. Então, ele lhes explicou: “Quando o impulso das palavras não é dirigido para as coisas do alto, então elas não podem se elevar e amontoam-se até abarrotar a casa de oração, de baixo para cima, numa enorme confusão”. E continuou, dizendo: “Nenhuma prece é mais fervorosa e se eleva diretamente aos céus do que a prece de um homem simples que não sabe o que dizer, mas que, incansavelmente, volta a Deus a aspiração de seu coração. Deus o acolhe assim como o rei acolhe o canto do rouxinol no seu jardim durante a noite: para ele, esse canto é mais doce do que a homenagem dos soberanos na sala do trono”. Também é importante, segundo o Ba'al Shem, que qualquer um que aspire à santificação reavive incessantemente o fogo, para que o ardor jamais se extinga no altar de sua alma: então, Deus mesmo pronuncia as palavras de oferenda.

A KAVANÁ É O MISTÉRIO DA ALMA QUE VIVE ORIENTADA PARA A META Não há senão *um* objetivo, somente *o* objetivo existe – objetivo no qual todos os caminhos desembocam e ante o qual nenhum descaminho poderá extraviar a alma eternamente. A *Kavaná* é um raio da glória de Deus, que habita em cada coração humano que se volta para a redenção.

Nisto consiste a senda da libertação: que todas as almas e centelhas do Espírito procedentes da Alma original parem de vagar sem rumo e, purificadas, retornem ao lar

E a redenção é o retorno da *Shekiná* (centelha divina) de seu exílio, o retirar de todos os véus que ocultam a glória divina, a purificação e a união com seu verdadeiro mestre, em perfeita unidade. Para o buscador realmente sério, toda a sua vida deve acontecer aqui e agora. Ele ou ela ouve a voz da subida das águas, sua efervescência nas ravinas, e ele ou ela vê a eternidade germinar nos campos do tempo, como se isso acontecesse em seu próprio sangue. Assim, esse homem, ou essa mulher, não pode pensar em outra coisa senão no momento presente – este é o momento propício. E isso acontece cada vez mais intensamente, pois as vozes ficam cada vez mais imperiosas, e a semente cresce com uma urgência cada vez maior.

Em tudo eles notam a incompletude e as imperfeições. A voz de todos os seres lhes fala, e o sopro do vento traz sua amargura até eles. A seus olhos, o mundo se assemelha a um fruto verde. Em si mesmos, eles participam da glória, mas à sua volta tudo é conflito. Contudo, a senda da libertação deseja que todas as almas e centelhas do Espírito procedentes da Alma original – que naufragaram na perturbação do mundo ou na falta de rumo no decorrer do tempo, e que estão dispersas em todo tipo de criaturas – parem de vagar sem rumo e, purificadas, retornem ao lar.

Os hassidim falam sobre isso na parábola do rei que somente dá início ao banquete quando chegam os últimos convidados. Todos os homens são moradas das almas errantes. Este é o sentido e o objetivo da *Kavaná*: é dado aos homens erguer os caídos e libertar os aprisionados. Não se trata, portanto, de apenas esperar, de ficar à espreita, mas de atuar para a redenção do mundo. A *Kavaná* é igualmente o mistério da alma que toma seu rumo no sentido de auxiliar em prol da redenção do mundo. Os hassidim dizem: “Aquele ou aquela que ora e canta em estado de santidade, que come e fala em santidade e conduz seus afazeres em santidade, graças a ela, ou a ele, as centelhas decaídas serão elevadas e os mundos decaídos serão libertos e renovados.”

SCHIFLUT Humilhar-se mais ou menos não é prova de submissão. O maior mal é esquecer que somos filhos de rei. Em verdade, humilde é aquele que vê o outro como a si mesmo e a si mesmo no outro.

Um *tsadik* disse certa vez: “Se o Messias chegasse hoje e dissesse que sou melhor do que os outros, eu lhe responderia então: ‘Não és o Messias.’” O homem humilde mora em cada ser e conhece os hábitos e virtudes de cada um, pois ninguém é para ele o *próximo*. Ele sabe, inti-

mamente, que ninguém é desprovido de algum valor oculto. Ele sabe que aqui neste mundo não há homem que não tenha seu momento.

Aquele que vive nos seres segundo o mistério da humildade não pode condenar ninguém: aquele que condena o outro, condena a si próprio. Quem se separa do pecador, participa da culpa. O santo sofre tanto pelos pecados de alguém quanto pelos seus próprios pecados.

O homem busca a Deus no fogo solitário de sua inspiração. No entanto, há um serviço elevado que só pode ser realizado em comunidade. O homem manifesta assim seu “ser único” em sua relação com os demais, e quanto mais singular ele for, na verdade, tanto mais poderá e quererá dar ao próximo. Mas seu doar é limitado por aquele que o recebe. E assim é. Quando alguém despeja água de um grande recipiente para um cálice, este último estabelece o limite da doação.

O homem que vive em seu “ser único” pode, em sua mais pura perfeição, redimir os mundos caídos, e, quanto mais puro e perfeito ele for, mais intimamente ele saberá que é apenas uma parte, e mais claramente despertará nele a noção de comunidade entre todos os seres. Aí se encontra o mistério da humildade.

O hassidismo de Ba'al Shem nega todo tipo de abstração, e todo aquele que ama exclusivamente a Deus e exclui o homem reduz seu amor e seu deus a uma abstração. O mistério do Amor, assim como o mistério de Deus, encontra-se



na unidade. Certa vez um *tsadik* disse: “Como podem dizer que eu sou um guia deste século, se o amor que dedico a meu próximo e à minha família é maior do que o amor que sinto por toda a família humana?”

Sobre a importância da comunidade, o Ba'al Shem diz o seguinte. “Se um homem percebe que seu companheiro o odeia, ele deve amá-lo ainda mais, pois a comunidade dos vivos é a carruagem do esplendor de Deus. Ora, quando há uma fissura na carruagem, é preciso repará-la; e onde o amor for tão pouco que até os engates se soltam, devemos amar ainda mais, a fim de vencer a imperfeição.

Em certo sentido, o verdadeiro obreiro não interfere nos afazeres dos outros, porém faz a sua parte com o intuito de ajudar. Quando um homem quer cantar e não consegue alçar sua voz, e outro vem para ajudá-lo e começa a cantar, então o primeiro já consegue alçar sua voz. Aí está o segredo do auxílio! E não se deve considerar o auxílio uma virtude: na verdade, ele é a artéria da existência”.

Desse modo, vemos como os quatro pilares do hassidismo formam, por assim dizer, um quadro de construção.

Quanto à lenda do Ba'al Shem, ela pode ser resumida no mito do "eu e Tu": do chamado e daquele que chama, do limitado que adentra o infinito e do infinito que necessita do finito. Somente aquele que ingressa no não ser do absoluto encontra a mão auxiliadora do Espírito. Da mesma forma que a semente não brota antes de abrir-se na terra e por ela ser assimilada, também o homem que deseja que uma nova criação nasça dentro dele deve esforçar-se para adentrar o Nada. Então, Deus desperta nele uma nova criação. Nesse momento, ele passa a ser uma fonte que jamais seca e uma corrente que nunca cessa de fluir.

Disso tudo se evidencia que o conceito de "Messias" de Ba'al Shem era diferente do conceito do judaísmo ortodoxo, que aguarda ainda a vinda desse Messias, enquanto o Cristo é onipresente e se encontra em cada homem, como uma centelha em potencial que pode a qualquer momento ressuscitar.

Ao rabi Davi que, em seu orgulho, acreditava poder evocar o Messias mediante seu fervor, Ba'al Shem Tov disse: "Davi, acreditas que com tua violência podes apreender o inapreensível? Mesmo que ela penetrasse o céu mais interior e que teu braço vigoroso subjugasse o trono do Messias, acreditas que seria possível segurá-lo com firmeza, assim como minha mão agora segura teu ombro? O Messias flutua acima dos

sóis e dos corpos celestes em uma infinidade de formas, e todos os corpos celestes gravitam ao seu encontro enquanto amadurecem. Em tudo ele é o guardião da alma em crescimento, elevando dos abismos as centelhas decaídas. Ele morre no silêncio diariamente, e diariamente nasce no silêncio; diariamente ele se eleva e desce novamente".

Ao ouvir essas palavras do Ba'al Shem, o coração e a alma do rabi Davi encheram-se de humildade e todo o seu ser transformou-se em um vale de lágrimas. À vista disso, o Ba'al Shem concluiu: "É assim que podes ajudar as centelhas divinas decaídas a se elevarem, rabi. É assim que estás no Messias e que o Messias está em ti".

Terminamos este artigo citando o filho de Ba'al Shem, rabi Hirsch. Como sucessor de seu pai, faltava-lhe autoridade, e assim recolheu-se totalmente em si mesmo. Mas, durante a noite, em um sonho, perguntou a seu pai: "Como devo servir a Deus?" Diante disso, Ba'al Shem escalou uma alta montanha e atirou-se no precipício: "*Assim!*", respondeu ele.

E na vez seguinte, apareceu como uma montanha de fogo explodindo em milhares de brasas ardentes, exclamando: "*E assim!*"

Eis como viveu na época do grande Johann Wolfgang Goethe, um pouco mais para leste, outro grande homem, espiritualmente bastante inspirado: Israel Ben Eliezer, chamado de Ba'al Shem Tov. ♣

o pensador não conformista



Mesmo que já se tenham passado duzentos anos desde o nascimento do pensador Søren Kierkegaard (1813-1855), a cada ano parece crescer o interesse por sua obra. Hoje em dia, seus títulos menos conhecidos já estão disponíveis para um público mais amplo – fato que ele mesmo havia previsto, não por falsa modéstia, mas sim porque sabia que somente seria compreendido bem mais tarde e tinha consciência de que não estava escrevendo para seus contemporâneos.

Kierkegaard tinha o hábito de descrever seus concidadãos como “exemplares da massa”, pessoas que não podem ser elas mesmas porque jamais estão satisfeitas. Ele ataca violentamente as ideias que estão na moda e rompe radicalmente com os usos e costumes de sua época. E, por fim, ele se volta também contra as tradições religiosas da igreja, da qual essas pessoas fazem parte.

São satisfações burguesas sem qualquer espiritualidade que já não trazem nenhum traço do verdadeiro cristianismo espiritual!

Assim, ao invés de seguir essa massa, Kierkegaard decide abandonar as veredas já batidas e seguir seu próprio caminho para se consagrar com todo o coração e com toda a alma à prática do cristianismo original. E, esforçando-se para fazer que essa prática coincida com sua própria vida, ele optou pela solidão da vida de escritor.

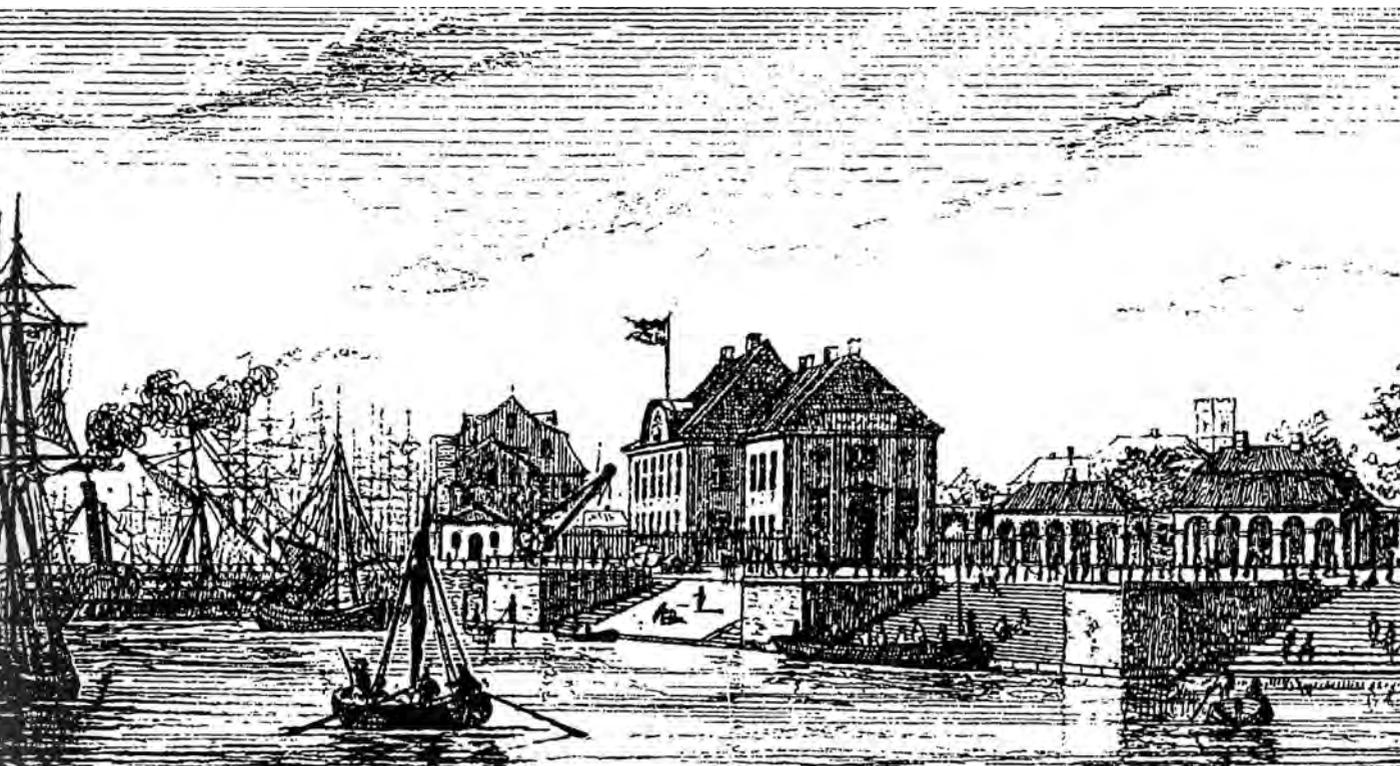
Com essa finalidade, ele chega até a romper a promessa de casamento que fizera a sua noiva e recusa-se a exercer sua função de pastor em uma cidade de interior.

E, como se tivesse percebido que tinha pouco tempo de vida (ele morreu aos 42 anos) produz em um tempo realmente muito curto uma obra bastante volumosa.

Mas isso não lhe trouxe o reconhecimento que essa empreitada merecia. Ao contrário: ele se torna alvo de artigos satíricos da imprensa local e as crianças zombam dele na rua.

A quem se dirige este pensador singular e controverso, que prefere se esconder por detrás de inúmeros pseudônimos e dá títulos estranhos

a seus livros? Ele não se contenta em trabalhar febrilmente em diversas obras ao mesmo tempo: diariamente reúne notas a serem publicadas em um jornal. Escreve para o leitor individual – eu e vocês – mas não facilita a vida desse leitor. Jamais se pode identificar quem é que está falando, nem qual seria seu objetivo – isso porque para ele a verdade só pode ser compartilhada indiretamente. Não é por acaso que ele é considerado o precursor do pós-modernismo, que desmonta uma a uma as grandes interpretações e argumentações. Mas, por detrás de todas essas digressões detalhadas, ditadas pela boca de seus inúmeros *alter egos*, oculta-se um imenso chamado: um chamado dirigido aos indivíduos para quem ele escreve. Ele lhes pede que tenham coragem para levar uma vida sincera, como ele, e, assim fazendo, usarem somente sua bússola interior. Mesmo nos inquietando permanentemente e nos confrontando diretamente com nós mesmos, jamais nos repreende, nem questiona. Ele nunca nos desvia do que é essencial nos oferecendo generalidades banais – esse essencial que será sempre nosso verdadeiro *Self*. Ao contrário: ele nos impulsiona muito claramente a sermos autônomos, a existirmos de verdade, concretamente, sem ficarmos imaginando todo tipo de coisas sobre nós mesmos – enfim, sem nos enganarmos com condições que não fazem parte da vida e com raciocínios lógicos; e também sem inspirar nos outros e em seus comportamentos, ideais e decepções, de modo superficial. Tudo isso, para tentar escapar ao peso de nossa própria existência, para não nos sentirmos verdadeiramente obrigados a viver.



Mas esse não foi o exemplo que ele deu. Segundo ele, viver plenamente não pode jamais acontecer entre quatro paredes seguras, sistemas fechados de crenças e de fé. A vida verdadeira precisa de uma atmosfera de liberdade, onde a pessoa possa ousar ir contra a corrente. Ele defende a vida da pessoa que aspira a ser o que ela, no fundo, já é; da pessoa que pode realmente ser o que quer se tornar. Uma vida concreta, com todas as suas incertezas, deve ser levada em um mundo feito de contradições e conflitos. Não se trata, em

primeiro lugar, da vida dos sentidos do “homem estético”, como o chama Kierkegaard — o homem que fica preso aos momentos passageiros de felicidade e infelicidade, aos prazeres e aos tormentos que o mundo das experiências lhe oferece. Kierkegaard é de opinião que é preciso nos elevarmos, a partir de nosso livre arbítrio, para fora da imediatez deste mundo. Por outro lado, ele também não acha que uma cultura coletiva possa permitir que o “homem ético” se liberte, por menos que se prenda a prescrições morais e religiosas. Essas prescrições não fazem

mais do que impulsioná-lo a se adaptar, sem qualquer espírito crítico, à mediocridade de um mundo incapaz de tranquilizar sua autoconsciência.

Kierkegaard considera, impiedosamente, todas as reflexões intelectuais que dividem tudo em conceitos lógicos e em asserções contraditórias, com todos os julgamentos referentes a verdadeiro ou falso, bom ou mau.

Segundo ele, é impossível descobrirmos a verdade objetiva a partir do conhecimento exterior dos fatos históricos ou das ciências naturais. Isso jamais poderá ser de grande ajuda para uma pessoa que deseja perceber a singularidade, impossível de ser repetida, de seu próprio destino e do fazer concreto.

E isso Kierkegaard sabia muito bem, pois ele mesmo sentiu em sua própria carne. Não é de espantar que ele pudesse esboçar e analisar todas essas possibilidades existenciais de modo tão detalhado. Em suas descrições, ele percorre todos os caminhos sem saída de onde ele mesmo voltou, e que considera definitivamente fechados. Por causa de nossos fracassos e de nossa impotência de viver plenamente a vida como ela deveria ser vivida, somos atingidos inexoravelmente pela dúvida e por um profundo desespero, nesse ponto no qual todos os caminhos da vida chegam ao fim.

Assim, ele nos coloca diante de nossa única missão: ousar viver como indivíduos. Ele nos abandona nos braços de nosso medo existencial, em um estado que ele chama de “incerteza objetiva”, em uma posição muito precária, na qual não encontramos proteção em nenhuma parte neste mundo.

Ao mesmo tempo, em todos os seus textos, ele nos anima a não fugir diante do medo e da incer-

Com a palavra, Kierkegaard

A maioria das pessoas, quando sofre de um modo ou de outro desde a mais tenra infância, terá que carregar uma espécie de cruz, uma dessas tristes limitações para suas almas. Começam por ter esperança e acreditar que tudo vai melhorar e que Deus vai, certamente, resolver tudo etc. Depois, lenta mas certamente, quando não há melhora alguma, eles recorrerão, pouco a pouco, à ajuda do eterno, ou seja, aprenderão a resignar-se e a fortificar-se, ficando satisfeitos com o eterno.

O homem que traz em si uma natureza mais profunda, alguém que, por predestinação divina alça-se para a eternidade, compreende desde o início que precisa carregar esse sofrimento durante toda a sua vida, que não pode se ater a receber de Deus uma espécie de ajuda tão extraordinária quanto paradoxal.

Mas o fato é que, para ele, Deus é sempre o amor perfeito: ele não pode duvidar disso. Então, ele se resigna, e, como o infinito está próximo dele, encontra a tranquilidade nessa certeza constante e feliz de que Deus é amor. Mas o sofrimento, este, ele precisa aceitar. ☞

Em razão do relevo que ele dá à vida concreta, à unidade da condição humana e ao livre-arbítrio, Kierkegaard é considerado o pai do existencialismo. Esse fato foi reconhecido em grandes círculos por figuras como Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Albert Camus (1913-1960). Por isso o existencialismo foi considerado ateu. De acordo com os existencialistas, o homem apenas se torna verdadeiramente livre quando se desfaz de fato de toda e qualquer tutela exercida por um Deus que faz o papel de autoridade. O filósofo alemão Martin Heidegger, no entanto, sempre colocava a existência em estreita ligação com a essência, com

o Ser. Segundo ele, a Verdade escapava a todas as formas de pensamento, mas surgia à luz, desde que ela pudesse se revelar e deixasse de ser mistério no próprio interior da vida concreta.

Como na palavra grega *a-letheia* (que significa literalmente: não estar mais oculto; já não permanecer no esquecimento de *Lete* – uma das filhas de *Eris*, a *Discórdia* na mitologia grega, que simboliza a personificação do esquecimento). Entre seus alunos que alcançaram notoriedade, podemos nomear, entre outros, Hannah Arendt, de origem judia (1906-1975), célebre por seu relatório que fez

teza, mas sim a experimentá-los profundamente. E ele mesmo assinala que há riscos de a pessoa se fechar mais ainda em si mesma e de ceder à tentação de querer recair nos hábitos do passado, ou perder-se em sonhos e projetos de futuro. Nada disso poderá nos ajudar se não conseguirmos expressar a nós mesmos, no presente, e à nossa própria vida. É aí que reside a única maneira de adquirir o justo conhecimento, que é a sabedoria viva e verdadeira e não uma sabedoria fornecida por *slogans* ou aprendida em livros. A condição para essa sabedoria é o autoconhecimento, a partir do qual conseguiremos analisar tudo o que é temporal e que coincide conosco, mas também o conhecimento do “Outro” que constitui o fundamento de nosso *Self*. Esse “Outro” não faz parte da temporalidade: ele é transcendente. Ele é o Absoluto insondável, que gera o ser concreto. Assim, Kierkegaard nos coloca, finalmente, diante do paradoxo de nossa própria vida, que ele considera a síntese do tempo e da eternidade, do finito e do infinito.

Somente uma profunda tomada de consciência dessa situação perigosa poderá nos trazer a interiorização necessária para agir, e, como ele diz, para viver seguindo em frente, do desespero à esperança, do medo à confiança, do fechamento à abertura.

O mundo do já conhecido, do lado exterior das coisas, jamais gerará uma realização desse tipo. A ciência não consegue. Nem o mérito social. Nem o engajamento na fé, por mais humanitário que seja. É por essa razão que Kierkegaard nos convida a fazer uma escolha resoluta por nós mesmos em sentido absoluto e não pelas coisas provisórias. É que, se não formos nós mesmos, seremos um ser sem espírito — e ele afirma isso sem nenhuma ambiguidade.

Por isso, é necessário ousar dar, por si mesmo, um salto que não é nada fácil: dar um passo radical à frente, para fora do que é conhecido, rumo ao desconhecido absoluto, até o Outro, que é completamente diferente de nós, rumo ao abismo da existência, ao que não pode ser nem pensado nem compreendido. É ao mesmo tempo a com-

grande alarde no processo de Eichmann (considerado “o carrasco nazista”), que aconteceu em Israel nos anos 60. Lembremos também Hans Jonas (1903-1993) que, em sua busca espiritual a respeito dos gnósticos de Alexandria, vivencia grandes semelhanças com o existencialismo, em suas leituras sobre “o estado de queda” do homem. Quando lemos atentamente a obra de Kierkegaard, vemos que ele faz distinção entre o homem estético, ético e religioso – de forma análoga aos gnósticos, quando falam do hiliáco (material), do psíquico (homem-alma natural) e do homem pneumático (o homem alma-espírito).

preensão mais íntima e intransferível que alguém possa alcançar – e é por isso que essa compreensão não pode ser a soma de todas as experiências finitas e temporais.

Nada pode tirar a força desse chamado. Ele não pode ser abafado por argumentações. Kierkegaard nos pede claramente para não nos agarrarmos ao que é finito, pois o finito sempre nos leva a um embotamento demoníaco, como acontece com todas as cegueiras ideológicas dos sistemas totalitários que aprisionam o absoluto no circunstancial.

O que nosso filósofo espera é que, a partir do viés de todas as nossas limitações temporárias, tornemo-nos conscientes da eternidade dentro de nós, do que é espiritual dentro de nós mesmos: no pensar e no fazer, no fazer e no não fazer. Kierkegaard chama a isso de “resignação” — desfazer-se da vida, renunciar a si mesmo. Paradoxalmente, ser autêntico com relação a si mesmo exige o abandono de si mesmo! Mas isso não é tudo, pois sempre existirá um movimento duplo,

Conforme o tempo passa e ele fica cada vez mais absorvido concretamente pela realidade da existência, quando ele volta-se para si mesmo como ser finito, quando o tempo e a marcha do tempo exercem seu poder sobre ele, e quando, apesar de todos os seus esforços, ano após ano, torna-se cada vez mais difícil continuar a viver unicamente com ajuda do eterno, quando, com modéstia, ele se torna um pouco mais humano, ou percebe o que significa ser humano (pois em sua resignação ele ainda é muito ideal, muito abstrato, esse modo de resignar-se oculta sempre um desespero) então, a eventualidade da fé significa, para ele, que, nesse momento, ele poderá acreditar, em virtude do absurdo, que Deus virá em sua ajuda na finitude. (Fragmento de seu diário)

Tudo isso significa que a maioria das pessoas não atinge o estado de fé. Elas vivem durante muito tempo na imediatez, antes de chegar a uma reflexão. Depois, elas morrem. As que são exceção têm um ponto de partida diferente: elas são dialéticas desde sua juventude; sem imediatismo, elas começam pela dialética, pela reflexão, e continuam a viver assim durante anos (quase tanto tempo quanto os outros o fazem na imediatez). Em seguida, tendo amadurecido, a eventualidade da fé apresenta-se a elas. É que a fé é a imediatez que vem depois da reflexão. ☞

Depois que Søren rompeu seu noivado com Regina Olsen, ele transformou sua aliança de noivado em um anel em forma de cruz, símbolo da transformação de seu amor humano em um amor superior, espiritual, e sinal de um casamento eterno. Ele pôs fim à sua própria felicidade considerando que não poderia ser um bom marido e que não queria fazer a infelicidade de Regina, o que lhe causou um sofrimento ainda maior.



um retorno daquilo que acabamos de abandonar. A partir desse processo de desligamento abrem-se, ao mesmo tempo, as portas que levam à plenitude da vida espiritual. Como em um renascimento — mas não um nascimento no mundo temporal, como o do antigo *self*, e sim como um novo nascimento no mundo espiritual. Porque só poderemos voltar a ser nós mesmos quando abandonarmos a ilusão de sermos indivíduos autônomos e de que temos autocontrole. No entanto, segundo Kierkegaard, isso não implica querer escapar da finitude, em nosso desejo místico ilimitado. Afinal, é precisamente no meio do finito que o infinito precisa realizar-se.

Permanecendo nessa mudança, o ser humano pode entregar-se, confiantemente, àquilo que ultrapassa toda transformação. Viver em plenitude e tornar-se verdadeiramente si mesmo é ser transparente, aberto à vida transcendental. Uma vida desse tipo exige que a pessoa não se deixe atrasar, nem se fechar no momento passageiro: ela precisa estar verdadeiramente “no tempo”. Kierkegaard não busca a eternidade muito longe, mas justamente muito perto, seguindo a linha dos acontecimentos da vida, até o ponto em que eternidade e tempo se encontram. É nesse ponto, na instantaneidade total, que nos encontramos no lugar preciso no qual coincidem

a imobilidade e o movimento. Então, retornamos ao estado original de inocência. Isso acontece em uma segunda imediatez, que não se dobra diante do pensamento crítico, como se dá com o homem “estético” no qual espírito ainda está adormecido, mas em uma imediatez de um *Self* que já ultrapassou o pensamento: que se tornou espírito – um espírito autônomo. O *Self* de alguém que ousou entregar-se ao absoluto incondicionalmente. Essa é a finalidade do homem que, em completa e voluntária obediência, tomou para si a cruz de sua vida concreta.

E, pelo fato de ter-se tornado ele mesmo, ele conquista a tranquilidade no caminho. Não a tranquilidade de uma apatia burguesa, como Kierkegaard observou à sua volta, mas sim a tranquilidade de alguém que demonstra sua real grandeza e já não está tentando, absolutamente, tornar-se o que quer que seja. ☛

E, é claro, essas exceções tiveram uma infância e uma juventude muito infelizes.

Afinal, de fato, ser reflexivo em uma idade que, por natureza, vive no imediatismo, é uma forma de profunda melancolia. Mas eles conseguem algum retorno. A maioria das pessoas jamais consegue chegar a ser espírito. É que todos esses anos infelizes vividos no imediatismo representam apenas, no plano espiritual, uma regressão: é por isso que essas pessoas jamais se tornarão espírito. Mas a infância e a juventude infelizes daqueles que são exceção se desenvolvem até fazê-los alçar-se ao espírito. (Fragmento de seu diário)

Biografia de Søren Kierkegaard

1830/40	estudos filosóficos e teológicos.	
1838	seu pai morre, vítima de uma doença contagiosa, e em seguida as crianças vão morrendo umas após as outras, menos ele e um de seus irmãos.	
1840	noivado com Regina Olsen.	
1841	defende sua tese <i>O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates</i> ; ruptura do noivado por razões inexplicadas; temporada de dois anos em Berlim, onde segue o curso de Friedrich von Schelling, filósofo fortemente influenciado por Jacob Boehme.	1846
1843/44	anos nos quais são editados livros importantes, escritos sob diversos pseudônimos, como <i>Ou isso ou aquilo: um fragmento de vida</i> (incluindo <i>O diário de um sedutor</i>), de Victor Emerita, <i>Temor e tremor</i> ,	de Johannes de Silentio, <i>A repetição</i> , de Constantin Constantius, <i>Migalhas filosóficas</i> , de Johannes Climacus, <i>O conceito de Angústia</i> , de Virgilius Haufniensis, <i>Prefácios e leituras edificantes</i> , de Nicolaus Notabene.
		1846
		surge o <i>Post-scriptum final não científico a Migalhas filosóficas</i> sob o pseudônimo de J. Climacus. Ele é extremamente atacado em uma série de artigos do jornal <i>Korsaar</i> .
		1849
		<i>A doença que leva à morte</i> (ou <i>O desespero humano</i>), de Anti-Climacus.
		1850
		<i>Prática do cristianismo</i> , de Anti-Climacus.
		1855
		Sofre um colapso por esgotamento na rua e morre, no dia 11 de setembro, após atendimento no hospital de Copenhague.

construir e demolir

Desde que o esoterismo ocidental tomou o seu lugar na cultura em busca da autorrealização, é comum falar-se da necessidade de autotransformação, transmutação ou mudança interna. A isso convém ser adicionado o processo que conduz à transfiguração – isto é, à construção de um novo veículo ou de um novo corpo para a consciência. Essa alquimia interior envolve a purificação e limpeza no sistema microcósmico, o qual, no decorrer dos tempos, naufragou, aprisionando-se na densidade “física”.

As imagens mais concretas de transformação são provavelmente demolição e reconstrução: para que se construa um novo edifício, um novo templo, é necessário que o antigo seja demolido. A alternativa ocidental radical consiste na demolição total, que aniquila todo e qualquer traço de natureza ou cultura. Nas culturas indiana e árabe, existe igualmente o aspecto religioso do “destruidor”, um dos efeitos ardentes do espírito divino capaz de extirpar, erradicar, o que for necessário. E isto, partindo da ideia de que um novo começo só pode ser lançado quando o antigo for derrubado até os alicerces. É o que, hoje em dia, convencionou-se chamar de “destruição criativa”. Isso significa que, já durante o processo de destruição, erige-se uma construção que corresponde a uma “recriação”. A criação da nova construção faz uso imediato da energia liberada durante a destruição. “Começar do zero” constitui a base mais segura para a nova transformação. Note-se, todavia, que a construção deve ser preparada, que ela requer planejamento: caso contrário o espaço previamente criado haverá de se tornar uma área ociosa, semelhante à água estagnada de uma poça. Nesse caso, começar do zero representa uma porta aberta à adulteração.

O escopo de “demolir e construir” é renovar a vida mediante dedicação ativa e dinâmica. O homem ocidental tem predisposição cultural para esse tipo de trabalho. Na verdade, o objetivo da vida, sob todos os aspectos, é a suplan-

tação do antigo pelo novo e tudo o que esse processo comporta. Essa atitude pode ser reconhecida não apenas na arte, mas também, e, sobretudo, na economia, que vê na estagnação um sinônimo de declínio. O crescimento é sagrado, tanto na economia quanto na arte, onde o antigo é suplantado pelo moderno, pois o novo espírito precisa conseguir expressar-se. Também no cristianismo, que é a religião ocidental dominante, trata-se, nesse caso, de uma vitória – não da vitória do indivíduo, da personalidade ou do ego, mas sim da vitória da alma, no espírito do Cristo. Segundo Paulo, a vitória trará até mesmo a natureza da morte (1 Cor 15:54).

A fórmula “destruir para construir” parece estar passando por uma expansão universal. Na verdade, ela é aplicada a muitos setores no mundo e substitui outras fórmulas no desenvolvimento que se tenta suscitar. Economia autossuficiente, desenvolvimento sustentável, produtos de cultura orgânica e ecologia são exemplos que podem ser citados. Alguns dizem que, se tudo isso fosse levado em conta, seria útil que se tentasse frear a perda da biodiversidade. Mas, no fim das contas, é preciso poder lucrar e obter ganhos financeiros! A dinâmica da sociedade ocidental (e mesmo mundial) é muito intensa para que se estabeleça uma economia autossuficiente. Assim, é compreensível que muitos se tornem “viciados” na ideia de que, para crescer, é necessário construir. Isto pode ser observado nos escritórios e edifícios comerciais, e em ainda maior escala, em qualquer atividade econômica.



Outro exemplo são os processos psicológicos e de desenvolvimento da consciência, áreas em que a “indústria” da autoajuda, com seu mercado de todo tipo de terapias, obtém ganhos enormes. “Cresco, logo existo” poderia ser o lema de uma escravidão ao dever de construir. No entanto, uma vez que tudo deve se transformar no seu oposto, será que o mesmo poderia ocorrer com a ideia dominante de crescimento a qualquer custo? Seria plausível imaginar uma cultura onde a ideia do “cresco, logo existo” passasse por uma fase de recessão estrutural? O momento atual parece sugerir isso! É de se esperar, pois o crescimento saudável torna-se cada vez mais um crescimento que não tem nada de natural: é forçado, imposto.

CRESCIMENTO NOCIVO Quando uma civilização se torna incômoda para a natureza, fala-se de “crescimento nocivo”. Uma cultura corrompida desse modo mostra sinais de decadência, ao invés de crescimento. E então surge a questão paradoxal para aqueles que permaneceram íntegros: podemos, em um momento de recessão e declínio cultural, “lucrar” para a consciência? A alma pode crescer e manter a perspectiva de uma vitória? Ela deve primeiramente compreender que nenhum progresso

é possível enquanto nos mantivermos apegados à matéria – como J. Van Rijckenborgh tão bem o descreveu – insistindo em estar colados, agarrados ao crescimento e à prosperidade ilimitados. Será que poderemos, então, continuar a resolver tudo com a fórmula “demolir e construir”? A história mostra que, muitas vezes, a manifestação cultural e espiritual que incita o indivíduo a uma construção interior ocorre com o crescimento econômico e a prosperidade. Grandes despertares “espirituais” puderam ocorrer paralelamente à prosperidade econômica. Todavia, o tempo da prosperidade econômica ultrapassou a fase de construção. Na Europa, em particular, atingiu-se, do ponto de vista demográfico, uma fase de contração. O declínio atual daquela que foi outrora uma civilização pioneira manifesta-se, sobretudo, numa série ininterrupta de desmascaramentos, revelações e informações chocantes. Escândalos, corrupção e criminalidade – tudo o que antes podia permanecer escondido, vem à luz em praça pública. E aquele que é mais observador toma consciência da confusão e do drástico corte operado pela economia de pilhagem e de maximização do lucro no seio dos valores reais. E isso acontece em detrimento de tudo.



ENCARAR O ESPÍRITO DO MAL É assim que aprendemos a conhecer a doença que assedia o mundo e a humanidade: uma doença que nos convida – sim, nos força a participar – sob pretexto de que “um homem deve ganhar a vida de uma maneira ou de outra, não é mesmo?” E surge a pergunta: qual é o ganho para a alma que assim encarou a Medusa? Para a alma que pode observar o lado selvagem do espírito do mal essa possibilidade de ganho está certamente presente. Mas ela é frágil, pois, enquanto seres humanos, somos limitados no que se refere ao que podemos carregar ou suportar. E esse equilíbrio da alma está consideravelmente ameaçado! É, todavia, essa transparência, essa perda ou dissolução dos limites em escala mundial, que dá à alma a possibilidade de se conectar a outras pessoas íntegras para formar uma unidade – ou melhor, para alcançar uma unidade espiritual: precisamente porque as fronteiras desapareceram. E não se trata aqui de uma unidade que existe em si, mas uma unidade associada ao amor e à compaixão.

A partir daí já não é necessário realizar cortes drásticos, nem demolição e construção forçadas; isso tudo chega a ser prejudicial. Com esse discernimento, a alma pode fazer o trabalho de construtora espiritual, utilizando valores etéricos



sutis liberados pelo amor. Romper é um desaparecer consciente daquilo que já não é necessário e que poderia até, segundo a nova visão, levar a uma estagnação, criando por assim dizer, uma barragem à corrente eterna que busca fluir para o microcosmo. Um místico deu este testemunho: “Assim como a água flui, também flui a luz vivente”. E, nessa corrente, a alma se conecta não somente com as pessoas íntegras que podem ser chamadas de irmãos e irmãs, mas também com a fonte: a fonte que é o sol e a divindade interiores. Essa conexão não pode ser rompida, uma vez que a estrutura interior foi edificada nesse meio tempo. Esse estado de “redimido” causa uma responsabilidade imediata, pois a alma, sendo imortal, pode então distinguir entre o benéfico e o pernicioso. Desse modo, a estrutura interna permanece intacta. É dessa maneira que os rosa-cruzes constroem suas casas, há séculos.

Uma esfera espiritual é construída como uma casa. Nós, os habitantes dessa morada, conseguimos mantê-la limpa quando não negligenciamos o processo de purificação interna e externa. Nada pode ser quebrado enquanto perseverarmos na purificação. Então, a corrente de luz não cessa. A ligação com a unidade foi reestabelecida para sempre. ✪

Iluminação, fonte de engajamento



A morte do chefe da ONU, Dag Hammarskjöld, já há 52 anos, ainda está cercada de enigmas. Seu diário, publicado postumamente, é considerado por muitos uma fonte de inspiração espiritual. Na noite de 17 para 18 de setembro de 1961, um avião de pequeno porte caiu perto do aeroporto Ndola, na Rodésia do Norte (atual Zâmbia).

Normalmente, o incidente não teria nenhum impacto internacional, se um de seus passageiros não fosse Dag Hammarskjöld, o então Secretário-Geral das Nações Unidas.

Jeroen van der Zeeuw*

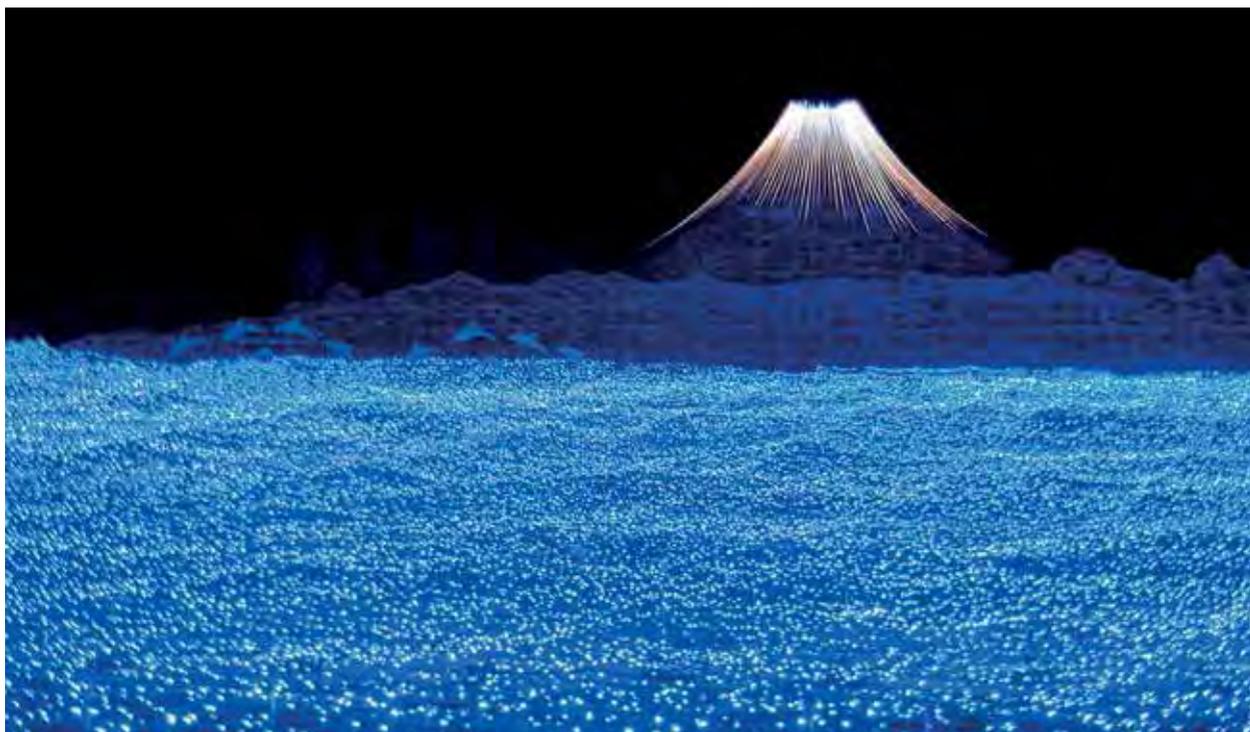
A NOITE ESCURA DE UM DIPLOMATA

Sua morte foi um choque para a comunidade internacional. O sueco Hammarskjöld era admirado tanto por seus amigos como por seus inimigos, em virtude de sua ação decisiva como conciliador durante a Guerra Fria em diversos locais perigosos do planeta. Ainda não totalmente recuperados do choque, alguns amigos e colegas de Hammarskjöld começaram a esvaziar seu apartamento no Upper East Side de Manhattan. Lá, fizeram uma descoberta surpreendente. Em seu criado-mudo, encontraram uma camisa embrulhada com várias folhas soltas, no entanto, organizadas. Sobre a camisa estava colado um recado endereçado a um amigo. Era como se Hammarskjöld previsse que os documentos seriam encontrados por alguém. Descobriu-se que eram textos muito pessoais: uma espécie de diário. Mas não era um diário de anotações sobre as muitas reuniões de Hammarskjöld com os grandes da Terra, porém breves considerações, muitas vezes profundamente filosóficas e teológicas, que ofereciam um vislumbre de sua alma. Ele os chamou de “Minhas negociações comigo mesmo – e com Deus.” O título em inglês era *Milestones* (Marcos miliários: pedras colocadas para marcar o caminho em regiões inóspitas).

Para Hammarskjöld, as notas de seu diário marcavam as fases do caminho interior, muitas vezes inóspito, que ele trilhou durante sua vida.

O diário foi publicado em 1963. Em 1965, surgiu a primeira versão holandesa. A Rainha Beatriz deu uma cópia de *Milestones* a Ruud Lubbers em 1982, quando ele assumiu o cargo de primeiro-ministro na Holanda. No extremo norte da Suécia, desde 2004, pode-se percorrer “o caminho da peregrinação Dag Hammarskjöld” em seis etapas, em seis dias. A cada dia, o caminhante para em uma área de descanso, onde descobre um texto extraído de *Milestones*, para meditar sobre ele.

IRRITAÇÃO A publicação do diário de Hammarskjöld causou surpresa, mas também irritação. Por mais reservado que ele fosse, seus amigos e colegas o conheciam como um homem afetuoso, de grande profundidade de espírito. Hammarskjöld gostava de literatura, de poesia, arte, filosofia e da natureza – e adorava as montanhas da Lapônia. No entanto, até mesmo seus colaboradores e amigos mais próximos ficaram surpresos por ele ter dado provas de uma espiritualidade tão profunda. Em outras pessoas, *Milestones* provocou irritação, especialmente nos círculos leigos da Suécia: alguns jornalistas chegaram até a ridicularizá-lo. Afinal, eles não podiam admitir que alguém com a carreira de Hammarskjöld fosse ao mesmo tempo tão profundamente espiritualizado. Eles chegaram a insinuar que seu sucesso e seu renome deviam ter-lhe subido à cabeça.



*Para tudo o que já se foi:
Obrigado!
Para tudo o que ainda virá:
Sim!*

Dag Hammerskjöld

O momento em que Dag Hammarskjöld disse “Sim!” foi crucial, pois logo em seguida ele se entregou com total convicção e abnegação à sua missão de chefe da ONU. Possuidor de profunda experiência espiritual, seu engajamento nos negócios terrestres tornou-se cada vez mais importante e probatório. E sua iluminação fazia que ele se preocupasse cada vez mais com o mundo material e rebelde. Eis o caminho: considerar o reino interior como um lugar elevado, uma fortaleza em nosso coração, mantendo a consciência orientada para a luz. É assim que o homem esclarecido se volta para o mundo e se mistura à sociedade – e o faz sem desviar-se de seu próprio caminho, que ele realiza em serviço ao próximo.

Mas quem lê *Milestones* não descobre um iluminado fanático, alienado da realidade. Ao contrário! Hammarskjöld sabe como ninguém associar a mística mais elevada ao engajamento social. É isso que, desde a primeira publicação até os dias de hoje, ele fascina tantas pessoas quanto à sua espiritualidade. Se em *Milestones* há uma passagem que possa resumir toda a espiritualidade de Hammarskjöld, com certeza é esta: “Em nossa época, o caminho que conduz à santidade passa necessariamente pelas ações”. A espiritualidade de Hammarskjöld lembra um pouco a de Dietrich Bonhoeffer, pastor de origem alemã e membro da Resistência, executado em 1945 pelos nazistas: ambos nasceram em 1905 e cresceram em um mundo cada vez mais leigo e até antirreligioso. Os dois chegaram à convicção de que, em uma sociedade como esta, ser espiritualizado não significa retirar-se do mundo. A espiritualidade deles é total e essencialmente voltada para “o aqui e agora”. Mas não é sempre que conseguimos associar a espiritualidade às experiências e responsabilidades do cotidiano. No entanto, Hammarskjöld lutou durante a vida toda para harmonizar esses dois aspectos. *Milestones* demonstra claramente que Hammarskjöld sofreu durante décadas com a inutilidade de suas experiências e com depressão – e isso apesar do fato de sua vida, aos olhos dos outros, ser coroada de sucesso!

Desde muito jovem, ele já era alto funcionário do Ministério das Finanças e participava do Banco da Suécia. Por fim, chegou a se tornar ministro. Mas suas anotações em *Milestones* indicam o quanto sofria e, muito frequentemente, sentia-se vazio e insignificante. Parece que em 1952 Hammarskjöld estava se sentindo em seu ponto mais baixo, atravessando uma profunda crise existencial, uma “noite escura”. De acordo com *Milestones*, esse ano criou um furacão em seu espírito. Mas, mesmo nas horas em que estava no fundo do poço, a luz sempre jorrava. Sua primeira anotação em 1953 foi: “Obrigado ao passado e Sim para o

futuro!” Não é possível saber-se claramente de onde partiu a mudança. O próprio Hammarskjöld não é preciso. Mas, nos anos que seguiram 1952, muitas vezes ele destacou o momento no qual disse: “Sim!”. Em 1961, alguns meses antes de sua morte, ele escreveu: “Já não sei quem – ou o quê – me fez essa pergunta. Também já não sei quando ela foi feita. Do mesmo modo, já não me lembro de ter dado uma resposta. Mas há pouco tempo eu disse ‘Sim!’ a uma pessoa – ou a uma coisa. Desde então, eu soube o que quer dizer ‘não se voltar para o passado’, ‘não se inquietar com o futuro’.” O “Sim!” de Hammarskjöld é uma aceitação completa da submissão a Deus, a si mesmo e a seu destino. De acordo com ele, não se trata de uma conversão repentina. Se o “Sim!” precisou de caminhos subterrâneos para crescer, no dia em que, em 1952, ele veio à superfície, constituiu para ele enorme libertação.

RENASCIMENTO Esse sentimento de libertação coincide quase que exatamente com a nomeação de Hammarskjöld para o posto de Secretário Geral da ONU, no início de 1953. Ele surpreendeu seus amigos e inimigos com suas intervenções enérgicas, corajosas e visionárias. E tudo isso estava relacionado, sem dúvida, com o fato de que Hammarskjöld sentia-se renascer espiritualmente. No entanto, sua missão como Secretário



Hammarskjöld durante um diálogo sobre a crise do Congo em 1960.



Abou Souweir (Egito - 1956): no final da crise de Suez, o Secretário Geral inspeciona as tropas do exército pacífico das Nações Unidas, cuja criação foi ideia de Dag Hammarskjöld.

Geral não foi fácil. Ele agia regularmente como mediador em situações de crise. E, como ele geralmente tomava o partido dos países mais fracos da ONU, bateu de frente muitas vezes com os países mais poderosos.

Dag Hammarskjöld recebeu postumamente o Prêmio Nobel da Paz, em 1961. Ele parecia pressentir que faleceria de modo não natural e prematuro. Quanto a isso, reconhecia uma semelhança entre sua vida e a de Jesus de Nazaré, como testemunha este trecho: “Todos os que tomam seu próprio destino nas mãos sabem que a senda da vocação acaba na cruz – mesmo quando o caminho o leva às aclamações de Genesaré ou pela porta triunfal de Jerusalém”. Mas nem por isso ele sentia medo. O “Sim!” pronunciado o havia libertado de sua noite mais tenebrosa. A morte já não tinha nenhum poder sobre ele. Em entrega total a Deus e à humanidade, a morte tornou-se, nem mais nem menos, “a fronteira com o inaudito”.

PERGUNTAS SEM RESPOSTAS O avião que transportava Dag Hammarskjöld e quinze passageiros caiu no dia 18 de setembro de 1961 pouco depois de meia-noite. As circunstâncias de sua morte continuam nebulosas até hoje. Muitas perguntas jamais tiveram respostas satisfatórias. Por que os destroços somente foram encontrados oficialmente depois de quinze horas, sendo que o aeroporto estava próximo? Qual o significado da afirmação do

único sobrevivente, que morreu pouco depois do acidente, que dizia que o avião havia explodido antes de tocar o solo? Por que as autoridades não apresentaram nenhum interesse pelas declarações de testemunhas oculares, nem pelos boatos de que havia um segundo avião que teria voado perto do avião da ONU exatamente antes do acidente? O que podemos pensar sobre as afirmações de que Hammarskjöld teria um ferimento a bala na cabeça, sendo que as fotos não mostravam isso?

Nos anos 1960, várias entrevistas sobre a morte de Hammarskjöld não resolveram o mistério. Recentemente, inúmeras informações inéditas vieram à tona, e uma comissão examinou se o processo deveria ser reaberto. Na última semana, o relatório dessa comissão foi apresentado ao Palácio da Paz em Haia, na Holanda, concluindo que deve ter sido feita uma gravação via rádio do tráfego aéreo daquela noite. A comissão pediu à Agência de Segurança Nacional que tornasse pública essa gravação. Até este momento, a agência não se manifestou. 🌐

Esse autor fez, alguns anos atrás, a leitura desses marcos de pedra e essa leitura teve poderoso impacto sobre ele. Sentiu como eram profundas as reflexões de Hammarskjöld a respeito de sua luta interior consigo mesmo e com Deus, sua experiência sobre o inaudito. E destacou como seu mais elevado ponto inspirador o “Sim!” de D. Hammarskjöld. (Este artigo foi publicado no jornal diário holandês Trouw, no dia 17 de setembro de 2013)

+ 1 lançamento
infantojuvenil!

A Pentagrama Publicações e o Trabalho da Juventude
tem o prazer de apresentar o segundo volume da
Coleção Pérola, dedicada a crianças e jovens de todas as idades:

UM CORAÇÃO PARA O REI

Esta história vai
aquecer seu coração.

com ilustrações de
Ana Branco

2 UM CORAÇÃO PARA O REI

Clara Brancaflor

Dando sequência à coleção Pérola, dedicada a
crianças, jovens de todas as idades e seus pais,
este é um livro de cavaleiros e princesas.
Quem gosta de histórias de amizade
vai se emocionar com a lealdade
e a coragem de Ricardo e da princesa Clara.
Já quem prefere aventuras vai
querer saber tudo sobre os lugares
por onde eles passam.
Mas, na verdade, esta é a história
de todos nós, que buscamos o Reino do Amor.



www.pentagrama.org.br

Em abril
nas livrarias!



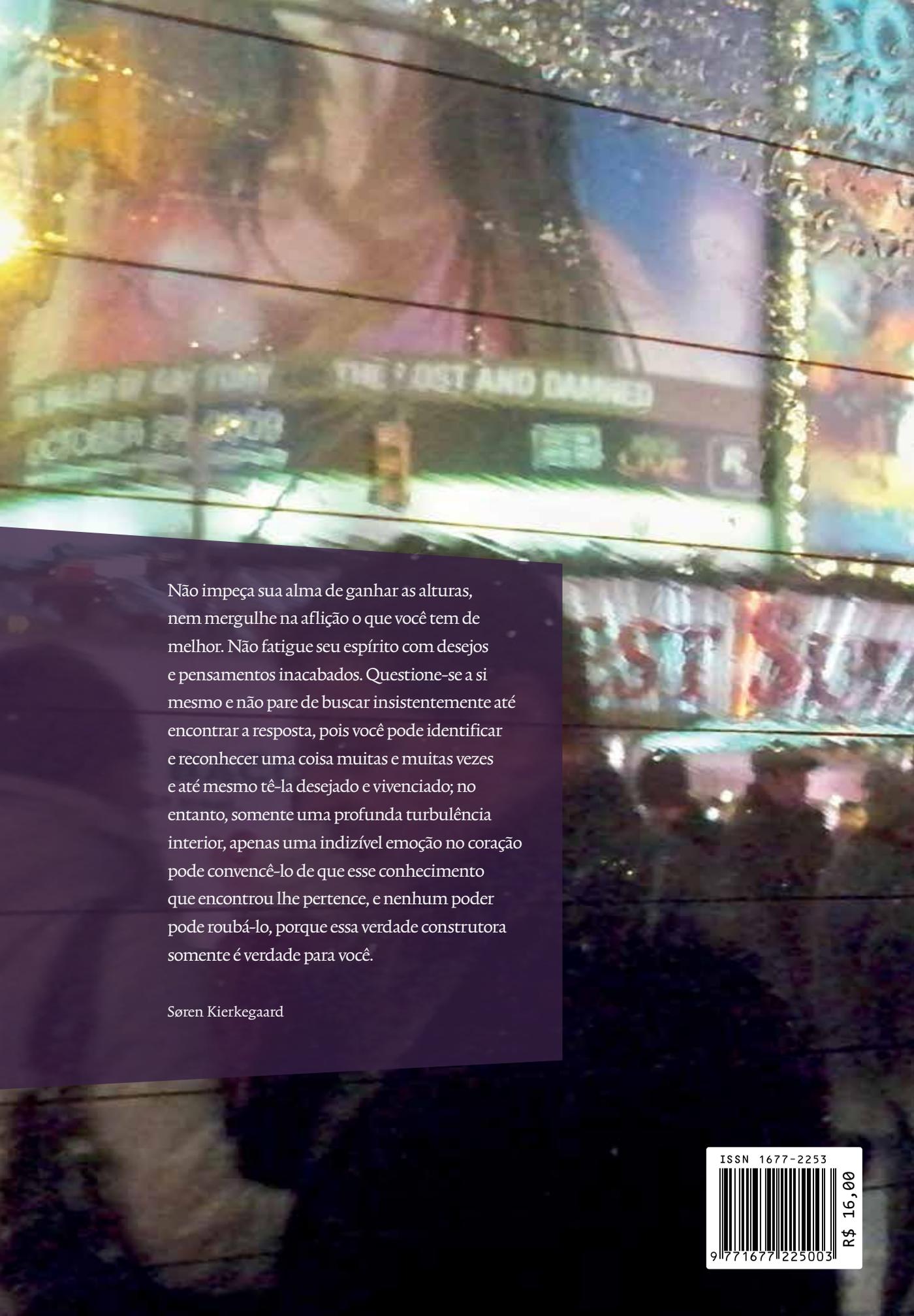
Clara Brancaflor

2 UM CORAÇÃO PARA O REI

COLEÇÃO
PÉROLA

COLEÇÃO
PÉROLA

Pentagrama
publicações



Não impeça sua alma de ganhar as alturas,
nem mergulhe na aflição o que você tem de
melhor. Não fatigue seu espírito com desejos
e pensamentos inacabados. Questione-se a si
mesmo e não pare de buscar insistentemente até
encontrar a resposta, pois você pode identificar
e reconhecer uma coisa muitas e muitas vezes
e até mesmo tê-la desejado e vivenciado; no
entanto, somente uma profunda turbulência
interior, apenas uma indizível emoção no coração
pode convencê-lo de que esse conhecimento
que encontrou lhe pertence, e nenhum poder
pode roubá-lo, porque essa verdade construtora
somente é verdade para você.

Søren Kierkegaard

ISSN 1677-2253



9 771677 225003

R\$ 16,00